



INSTITUTO CEPA/SC



MARACUJÁ

SECRETARIA DE ESTADO
DO DESENVOLVIMENTO RURAL E DA AGRICULTURA



GOVERNO DE
SANTA CATARINA



INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO RURAL E DA AGRICULTURA

**ESTUDO DE ECONOMIA E
MERCADO DE PRODUTOS
AGRÍCOLAS, 5**

MARACUJÁ

Setembro 1998

ESTADO DE SANTA CATARINA

GOVERNADOR DO ESTADO
Paulo Afonso Evangelista Vieira

VICE-GOVERNADOR
José Augusto Hülse

SECRETÁRIO DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO RURAL E DA AGRICULTURA (EM EXERCÍCIO)
Francisco Rzatki

SECRETÁRIO EXECUTIVO DO INSTITUTO CEPA/SC
Jairo Afonso Henkes

GERENTE DE PROGRAMAÇÃO E ORÇAMENTO
Vitório Manoel Varaschim

GERENTE DE INFORMAÇÃO E ANÁLISE
Admir Tadeo de Souza

GERENTE DE DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL
Admir Tadeo de Souza

ELABORAÇÃO

- Janice Maria Waintuch Reiter
- Francisco Carlos Heiden
Custo de Produção

REVISÃO/EDITORIAÇÃO/NORMATIZAÇÃO

- Joares A. Segalin
- Zélia A. Silvestrini
- Telmelita Maria Senna Ronsoni

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA AGRÍCOLA
DE SANTA CATARINA. *Maracujá*. Florianópolis, 1998.
69p. (Estudo de Economia e Mercado de Produtos
Agrícolas, 5)

1. Maracujá. I. Reiter, Janice M. W., Janice II. Título. III
Série.

APRESENTAÇÃO

O maracujá é uma cultura relativamente nova em Santa Catarina e tem-se mostrado uma alternativa a mais de renda para grande número de produtores rurais das regiões Sul e Litoral Norte do estado.

Dando, assim, continuidade a estes estudos de economia e mercado de produtos agrícolas, o Instituto Cepa/SC divulga este documento com informações sobre a cultura, enfocando principalmente a análise de produção e seus custos, as características da exploração e os aspectos de comercialização, com o objetivo de orientar os produtores, comerciantes e demais interessados na promoção do desenvolvimento e aprimoramento da cultura no estado.

Entre as funções que desenvolve, o Instituto Cepa/SC possui, na geração e disseminação de informações, uma de suas linhas básicas de atuação. Com este propósito, vem desenvolvendo, nos últimos quatro anos, uma série de estudos sobre produtos agropecuários de interesse do estado, seja pela importância que representam na atividade rural seja como alternativa de produção para a pequena propriedade rural.

Destacamos que este documento foi possível graças ao apoio das seguintes instituições: Ceasa do Rio de Janeiro; Ceasa de São José/SC, Secretaria de Agricultura do Pará, Embrapa de Cruz das Almas, no estado da Bahia; Instituto de Economia Agrícola de São Paulo; Epagri; Cooperativa de Jacinto Machado; Indústria de Sucos Sinuelo e produtores rurais.

SUMÁRIO

1. ASPECTOS GERAIS	7
2. PRODUÇÃO	11
3. CUSTO DE PRODUÇÃO.....	17
4. MERCADO.....	20
4.1. MERCADO PARA EXPORTAÇÃO.....	28
4.1.1. Frutas Frescas.....	29
4.1.2. Produtos Industrializados.....	29
4.2. MERCADO NACIONAL	31
4.2.1. Frutas Frescas.....	31
4.2.2. Produtos Industrializados.....	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
ANEXO I - Doenças do Maracujazeiro	43
ANEXO II - Maracujá – Custo de Produção no Recôncavo da Bahia	51
ANEXO III - Custo de Produção.....	53
ANEXO IV - Maracujá - Quantidade Comercializada - Ceagesp - 1992-1996.....	55
ANEXO V - Maracujá – Quantidade Comercializada por Procedência - Ceagesp – 1996	57
ANEXO VI - Maracujá - Preços Mensais - Ceagesp - 1994 - 1997	59
ANEXO VII - Maracujá - Quantidade Comercializada por Procedência - Ceasa/RJ - 1996.....	61
ANEXO VIII - Maracujá - Quantidade Comercializada por Procedência - Ceasa/RJ - 1997.....	63
ANEXO IX - Maracujá - Quantidade Comercializada por Procedência na Ceasa/SC - 1994/1996	65
ANEXO X - Maracujá – Preços Mensais Praticados na Ceasa/SC (São José) - 1994-1997.....	67
LITERATURA CONSULTADA	69
LISTA DE GRÁFICOS.....	71
LISTA DE TABELAS	71

1. ASPECTOS GERAIS

O maracujá (*maracuiá*), como é conhecido no Brasil, é palavra de origem indígena cujo significado é “*comida preparada em cuia*”. Mundialmente conhecido como fruta da paixão (*passion fruit, fruit de la passion*), derivado de “*Flos Passionis*”, por uma relação mística com a paixão de Cristo¹, o maracujazeiro é uma planta trepadeira vigorosa da família da passifloráceas, que pode atingir de cinco a dez metros de comprimento. No Brasil, existem mais de 200 espécies conhecidas. No entanto, três apenas são cultivadas: o maracujá amarelo (*passiflora edulis flavicarpa*), o doce (*passiflora alata*) e o roxo (*passiflora edulis*). Dessas, somente o maracujá amarelo tem expressão comercial.

Planta típica de regiões tropicais e subtropicais, pode adaptar-se perfeitamente a regiões de clima seco, desde que devidamente irrigada (por gotejamento ou microaspersão, que são as técnicas mais indicadas), evitando molhar suas flores para que a polinização não seja prejudicada. Pode ser plantada em qualquer região do Brasil, exceto onde ocorrem geadas. Desenvolve-se em diferentes tipos de solos, à condição de que sejam relativamente profundos, férteis e de boa drenagem. Seu cultivo tem-se mostrado uma alternativa para o aproveitamento de pequenas áreas e para diversificação da produção em propriedades com mão-de-obra abundante.

As flores do maracujá amarelo, principal espécie cultivada no país, abrem após as 12 horas e permanecem abertas somente até o anoitecer, quando fenecem, sendo curto, portanto, o seu tempo de polinização. Neste sentido, regiões mais quentes, próximo do Equador - onde há uniformidade na duração da luz do dia durante o ano e portanto dias de inverno relativamente mais longos que nas regiões mais distantes -, produzem praticamente o ano todo, enquanto nas regiões mais afastadas do Equador, onde há ocorrência de estações do ano com dias mais curtos, há picos mais distintos de floradas. Daí por que o Pará, por exemplo, produz durante 12 meses, a Bahia, durante 10 e Santa Catarina, durante 6 a 7 meses.

¹ Escritores do século XVI consideravam bastante simbólicas as partes da flor do maracujá. O simbolismo atribui-se:

- à parte feminina, constituída por um estigmatrípartito - representando as três pessoas da Santíssima Trindade;
- à parte masculina, composta de cinco anteras: simboliza as chagas de Cristo;
- à corona, que representaria a coroa de espinhos;
- à gavinha, que representaria o chicote.

Esta planta foi enviada ao Papa Paulo V, que mandou cultivá-la em Roma, informando que ela representava uma revelação divina.

A forma de propagação mais comum é a semente, que deve provir de plantas sadias e que, de preferência, apresentem frutos ovalados e flores com estigmas recurvados para facilitar a polinização. Podem-se também utilizar mudas em estaquia.

A polinização dessa planta é feita principalmente pelas mamangabas, por serem insetos de tamanho ideal (proporcional) à estrutura da flor. Quando há uma reduzida incidência desses insetos no pomar, recomenda-se a colocação de mourões em fase de putrefação próximo à cultura, para aumentar a sua população, já que esses insetos fazem seus ninhos em madeira apodrecida, ou ainda pela polinização manual. Esta técnica exige muita mão-de-obra e consiste em passar os dedos nas anteras onde os grãos de pólen ficam grudados; posteriormente, eles deverão ser colocados na parte feminina da flor de uma outra planta, realizando a polinização cruzada, característica que garante maior qualidade aos frutos. A polinização manual pode ser usada como método complementar à polinização natural, quando o trabalho das mamangabas não se mostra satisfatório, ou pode ser utilizada como método único, no caso de não existirem mamangabas na região de plantio. No entanto, se, por um lado, a utilização dessa técnica é eficaz na resolução das dificuldades encontradas na polinização natural, ela também pode levar a uma concentração da polinização somente nas maiores floradas, com perdas das menores e, conseqüentemente, diminuir a produção.

O ciclo produtivo da cultura pode durar até três anos. Atualmente, os produtores têm reduzido pelo plantio de dois anos. Esta redução da vida útil da plantação decorre do fato de o maracujazeiro apresentar problemas fitossanitários com maior intensidade a partir do primeiro ano de existência. Esta cultura está sujeita a várias pragas, como a lagarta-da-folha, percevejos, besouros e doenças que atingem desde o viveiro de mudas (tombamento, bacteriose e antracnose), até as plantas no campo (bacteriose, antracnose, verrugose, septoriose, pintas ferruginosas, podridão do pé, murcha e morte súbita).

Esta suscetibilidade já levou à redução da produção e posterior redução da área plantada em importantes estados produtores. Além de condições climáticas favoráveis a este tipo de ocorrência, com o passar dos anos, se a área plantada com o maracujá for a mesma e não receber cuidados fitossanitários adequados, a possibilidade de infestação e contaminação de pragas e doenças aumenta substancialmente, geralmente afetando áreas próximas, mas podendo chegar a extensões consideráveis. A partir do momento em que ocorrem problemas que afetam áreas mais extensas, os produtores geralmente abandonam a cultura, reduzindo sensivelmente a produção naquela localidade. Muitas vezes o maracujá passa a ser plantado por outros produtores em áreas mais ou menos próximas, mas livres de contaminação. Diz-se, por isso, que o maracujá é uma cultura "nômade".

Há necessidade, portanto, de cuidados adequados com respeito a manejo, prevenção e controle de doenças e pragas, escolha do terreno, proximidade de culturas que não estejam recebendo o mesmo tratamento, procedência de sementes e mudas, rotação de cultura, etc. A falta desses cuidados pode levar à propagação de pragas e doenças a áreas mais extensas, inviabilizando a cultura naquela localidade.

Em Santa Catarina, as principais pragas do maracujazeiro, segundo informações fornecidas pela estação experimental da Epagri em Urussanga, são percevejos, lagartas e broca dos frutos e as principais doenças são antracnose, verrugose e bacteriose. Elas ocorrem devido às condições climáticas favoráveis às doenças, à falta de cuidado com a procedência das sementes e mudas, a tratamentos fitossanitários inadequados ou insuficientes para controlar o problema de forma satisfatória. Mais informações sobre doenças encontram-se no Anexo 1 deste trabalho.

A época ideal para o plantio varia um pouco conforme a região. Em Santa Catarina, o ideal é plantar até o mês de agosto para que o ciclo produtivo se estenda ao máximo. Os frutos levam cerca de 80 dias para se desenvolver desde a polinização até o amadurecimento. Para garantir maior produtividade e melhor qualidade dos frutos, é necessário que as plantas sejam conduzidas por um sistema de sustentação. Para ser cultivado, é necessário que seja tutorado, pois não tem tronco para se sustentar. O sistema de condução do maracujazeiro pode ser feito na forma de espaldeira (espaldeira vertical, espaldeira em T, espaldeira em cruz). A mais comum é a espaldeira vertical, com um fio de arame liso, pelo fato de ser de fácil construção e permitir bom acesso às plantas para os tratamentos culturais, tratamentos fitossanitários, polinização manual e colheita. Este sistema de sustentação é normalmente constituído de postes de madeira, intercalados com bambu e amarrados e transpassados com arame em forma de linha.

Um outro tipo de sistema de sustentação é a latada, ou caramanchão. Este sistema, normalmente, consiste em palanques de madeira e bambu fixados no solo em forma de linhas; entre eles são esticados arames cruzados que formam uma espécie de “telhado” de arame. A latada possui algumas vantagens, como maior produtividade, menor custo com capinas, maior proteção dos frutos contra o sol e coloração mais uniforme da casca do fruto. No entanto, seu custo de implantação é mais alto e há maior dificuldade no tratamento fitossanitário, além de inviabilizar a utilização de trator.

O período de colheita também varia de acordo com a região. Nas regiões mais próximas à linha do Equador, a colheita dura praticamente o ano todo, enquanto no Sul do país a colheita dá-se entre os meses de fevereiro e agosto. Normalmente é feita sob a forma de catação dos frutos caídos no chão (uma vez maduros, eles se desprendem da planta), duas a três vezes por semana, muito embora se encontrem na literatura especializada sobre o assunto autores que aconselham a

colheita dos frutos diretamente da planta. Os frutos, para estes especialistas, quando colhidos após 80 dias de idade ou quando já caíram no solo, já estão no início da senescência, tendendo a murchar rapidamente devido à perda de peso e à redução nos seus conteúdos de acidez e de açúcares totais e solúveis, apresentando uma vida útil curta. Estes frutos são indicados para industrialização, quando não consumidos em cinco dias. Além disso, a colheita no pé permite a obtenção de frutos limpos e uma pré-classificação deles, facilitando a classificação posterior.

O tratamento pós-colheita deve consistir em:

- ❑ seleção dos frutos segundo a classificação adequada ao mercado (a classificação geralmente utilizada é (A) para maracujá de ótima qualidade, (B) para maracujá de média qualidade e (C) para maracujá de qualidade inferior, geralmente fornecido para industrialização, ou, ainda, pode ser classificado como Tipo I, Tipo II ou Indústria;
- ❑ eliminação dos frutos murchos, sem pedúnculo, lesionados, verdes ou com sintomas de ataques de mosca-da-fruta ou doenças;
- ❑ eliminação de restos florais e aparação de pedúnculos para 0,5 cm;
- ❑ lavagem cuidadosa, quando necessário (mas aconselha-se que o fruto seja colhido do pé, tornando-se desnecessária a lavagem, pois esta pode interferir negativamente no processo de conservação dos frutos);
- ❑ tratamento contra podridões e murchamento com produtos permitidos e dentro de concentrações recomendadas (o murchamento pode ser evitado com a utilização de parafina fundida ou filme plástico e a proteção em sacos de polietileno de baixa densidade);
- ❑ armazenamento em temperatura de 10°C e 80% - 85% de umidade relativa.

Este tipo de cuidados pós-colheita permite uma conservação dos frutos por cerca de 40 dias. Os frutos, após serem devidamente tratados e protegidos, devem ser embalados e identificados (selo de garantia, peso, tipo, etc.) para que possam ser comercializados dentro de um nível de qualidade desejável.

A estação experimental de Urussanga vem desenvolvendo projetos de pesquisa de adubação, sistema de sustentação, poda e tratos culturais, enxertos e sementes com maracujazeiros. Como recomendação geral sobre o processo de plantio e produção em Santa Catarina, recomenda-se:

- ❑ escolher uma área de terra bem drenada, protegida do frio e do vento;

- ❑ produzir mudas sadias com sementes de qualidade;
- ❑ instalar bem o pomar e efetuar os tratamentos culturais necessários;
- ❑ promover o desenvolvimento e a criação de mamangabas na região;
- ❑ desenvolver o espírito de capacitação contínua e organização dos produtores ;
- ❑ procurar a assistência técnica e informar-se sobre as pesquisas que estão sendo feitas com a cultura.

2. PRODUÇÃO

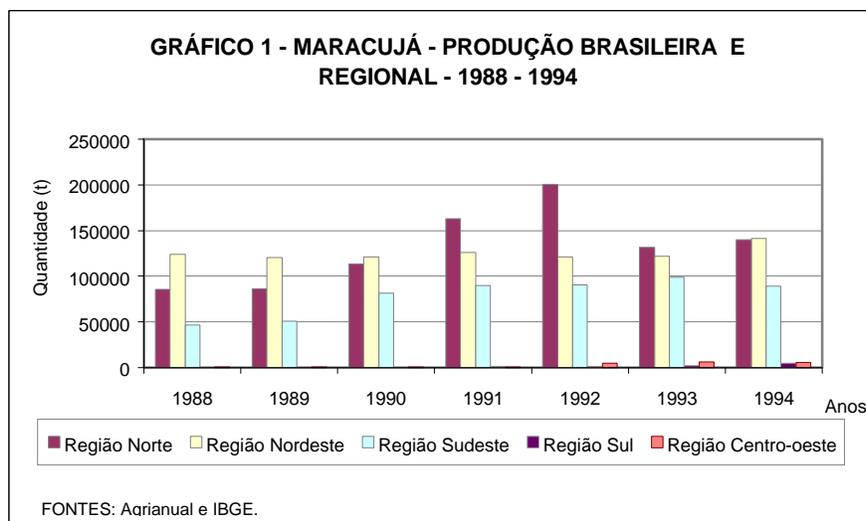
Onze países são responsáveis por cerca de 80% a 90% da produção mundial. São eles: Brasil, Peru, Venezuela, África do Sul, Sri Lanka, Austrália, Nova Guiné, Ilhas Fiji, Havaí, Formosa e Quênia.

O Brasil é o maior produtor mundial da fruta, com aproximadamente 33 mil hectares colhidos. A evolução da cultura, no país, foi bastante rápida. Plantada inicialmente para uso medicinal, a fruta começou a ser cultivada em escala industrial na década de 70; o país, cuja produção nem figurava entre as maiores do mundo no início desta década, antes mesmo de seu final passa a ser o maior exportador de suco de maracujá do mundo. Os maiores produtores, segundo o levantamento do IBGE de 1994, são os estados do Pará, com uma participação de 36% no total produzido, Sergipe, com 15%, Bahia, com 10% e São Paulo, com 7% (Tabela 1).

As maiores produtoras são a Região Norte e a Região Nordeste, que historicamente participam com o maior percentual de produção e área colhida. Em 1990, estas regiões participavam com cerca de 88% da área colhida e 81% da produção nacional da fruta. Em 1994, apesar de uma diminuição da participação tanto na produção como na área colhida (74% e 64%, respectivamente), decorrente do aumento gradativo da participação de outras regiões, as Regiões Norte e Nordeste ainda são as maiores produtoras. Elas têm temperatura mais quentes e dias mais longos por um período maior durante o ano, características que favorecem a produção da fruta.

No Brasil, de um modo geral, houve um aumento gradativo de produção (Gráfico 1) e área colhida até 1992. Em 1988, a produtividade média era de cerca de 10 t/ha, passando para 12,8 t/ha em 1992. Em 1993, observa-se queda em torno de 14% na produção; a área colhida permanece praticamente estável, evidenciando uma diminuição de produtividade para 11 t/ha. No ano seguinte (1994), começa a

haver recuperação na quantidade produzida, com um pequeno aumento de área, mas ainda insuficiente para voltar ao patamar de produtividade dos anos 1990, 1991 e 1992 (Tabelas 1, 2 e 3).



**TABELA 1
MARACUJÁ - PRODUÇÃO BRASILEIRA, POR REGIÃO E ESTADO - 1988-1994**

LOCAL	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
BRASIL	256.213	258.584	317.235	380.443	418.249	360.497	380.261
Norte	85.403	86.474	113.567	162.923	200.973	131.785	139.707
Rondônia						77	269
Acre	81	88	72	157	167	181	183
Amazonas	168	169	27	130	621	1120	1.061
Pará	85.154	86.217	113.468	162.634	200.185	130.407	138.146
Tocantins				2			48
Nordeste	123.768	120.580	121.151	125.953	121.146	121.664	141.526
Maranhão	2	44	160	132	171	56	74
Piauí	2.470	2.470			9		
Ceará	11.609	11.910	15.494	17.304	19.676	24.122	37.541
R. G. do Norte			498	1.151	1.074	1.947	1.840
Paraíba		193	120	148	182	1.506	1.388
Pernambuco	4.544	487	494	485	492	654	694
Alagoas	287	184	141	131	1.384	1.349	14.949
Sergipe	99.043	98.907	48.529	39.230	41.476	45.674	56.759
Bahia	5.813	6.385	55.715	67.372	56.682	46.356	38.281

(continua)

(conclusão)

(t)

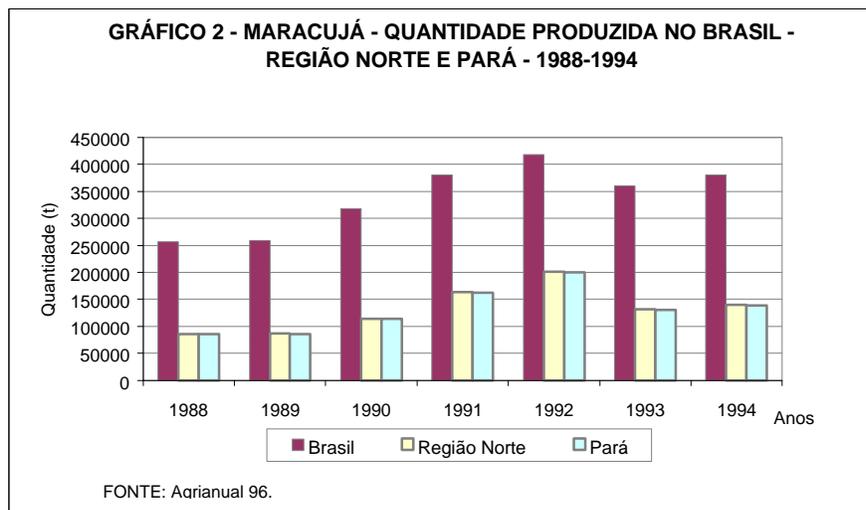
LOCAL	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
Sudeste	46.626	50.661	81.593	89.685	90.174	98.608	89.195
Minas Gerais	9.168	7.976	4.924	6.015	10.148	18.461	25.322
Espírito Santo				1.114	1.001	1.582	1.881
Rio de Janeiro	34.592	36.890	37.799	29.672	25.917	26.171	3.677
São Paulo	2.866	5.795	38.870	52.884	53.108	52.394	58.314
Sul	0	130	173	1.176	1.568	2.097	4.500
Paraná		130	173	1.176	1.550	2.041	3.095
Santa Catarina					18	56	1.406
Rio G. do Sul							
Centro-Oeste	416	739	751	706	4.388	6.343	5.333
Mato G.do Sul					17		250
Mato Grosso						27	303
Goiás	83	252	323	348	3.434	4.309	3.946
D. Federal	333	487	428	358	937	2.007	834

FONTE: Agrifinal 96 e IBGE.

Esta queda na produção em 1993 está concentrada na Região Norte do país, mais precisamente no estado do Pará. Segundo informações de técnicos da Secretaria da Agricultura daquele estado, primeiramente houve um estímulo muito grande à produção com a entrada e instalação de uma grande empresa processadora e exportadora de sucos, que faliu em 1992, com reflexos muito negativos nesse mercado. O gráfico 2 permite observar um crescimento de cerca de 30% em 1989, 40% em 1990, 23% em 1991 e uma queda de 34% em 1992. Como o estado do Pará é o maior produtor nacional, esta queda fez-se sentir no total da produção nacional.

Esta região, por apresentar vantagens naturais, por muitos anos foi a maior produtora do país, embora a maior área colhida sempre estivesse no Nordeste. A partir de 1992, com a queda da produção na Região Norte, a Região Nordeste suplanta-a e passa a ser a maior produtora do país.

Na Região Nordeste, em 1990 houve uma diminuição na área colhida de cerca de 28%. Esta diminuição localizou-se basicamente no estado de Sergipe, que até então era o maior produtor do país e teve queda de 50% em sua produção. Segundo informações de técnicos na Embrapa da Bahia, esta queda deve-se provavelmente à falta de incentivos ao produtor, à instabilidade dos preços e principalmente a problemas fitossanitários (principalmente doenças do sistema radicular). No entanto, a quantidade produzida na região manteve-se praticamente estável. Isto porque o estado da Bahia, neste mesmo ano, apresenta um grande aumento de produtividade, compensando a queda ocorrida no Sergipe.



Na Região Sudeste observa-se um crescimento na quantidade produzida. De modo geral, ocorre um leve aumento de produção e rendimento por hectare. Os maiores produtores são os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Neste último, a produção é, em grande parte, destinada à extração de suco, haja vista que neste estado localiza-se uma das maiores empresas processadoras de suco de maracujá, a Maguary.

TABELA 2
MARACUJÁ - ÁREA COLHIDA NO BRASIL, POR REGIÃO E ESTADO - 1988-1994

LOCAL	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
BRASIL	25.143	28.259	25.329	30.808	32.617	32.539	33.487
Norte	3.455	5.193	6.722	9.670	11.121	10.982	11.053
Rondônia						10	45
Acre	14	15	21	28	30	37	39
Amazonas	95	96	38	100	343	411	401
Pará	3.346	5.082	6.663	9.538	10.748	10.524	10.552
Tocantins				4			
Nordeste	18.735	19.779	14.163	15.013	14.138	13.653	14.567
Maranhão	1	35	36	18	25	12	14
Piauí	245	245			3		
Ceará	813	837	1.095	1.221	1.382	1.738	1.938
R. G. do Norte			37	105	119	174	171

(ha)

(continua)

(conclusão)

LOCAL	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
							(há)
Paraíba		141	90	113	159	189	161
Pernambuco	505	459	441	422	430	363	217
Alagoas	91	103	94	100	174	173	1.930
Sergipe	11.811	11.405	5.684	4.976	4.939	4.901	4.538
Bahia	5.269	6.554	6.686	8.058	6.907	6.103	5.598
Sudeste	2.841	3.099	4.160	5.749	6.865	7.318	7.025
Minas Gerais	842	778	525	1.143	1.075	2.073	2.117
Espírito Santo				58	95	190	202
Rio de Janeiro	1.675	1.817	1.932	1.796	1.851	1.807	1.347
São Paulo	324	504	1.703	2.752	3.214	3.248	3.359
Sul	0	15	20	92	128	180	371
Paraná		15	20	92	126	174	275
Santa Catarina						2	6
Rio G. do Sul							
Centro-Oeste	112	173	264	284	365	406	471
Mato G. do Sul					14		
Mato Grosso						15	
Goiás	75	115	213	243	255	310	328
D. Federal	37	58	51	41	96	81	90

FONTES: Agriannual 96 e IBGE.

TABELA 3
MARACUJÁ - PRODUTIVIDADE BRASILEIRA, POR REGIÃO E ESTADO - 1988-1994

LOCAL	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
							(t/ha)
BRASIL	10,19	9,15	12,52	12,35	12,82	11,08	11,36
Norte	24,72	16,65	16,89	16,85	18,07	12,00	12,64
Rondônia						7,70	5,97
Acre	5,79	5,87	3,43	5,61	5,57	4,89	4,70
Amazonas	1,77	1,76	0,71	1,30	1,81	2,73	2,65
Pará	25,45	16,97	17,03	17,05	18,63	12,39	13,09
Tocantins							3,02
Nordeste	6,61	6,10	8,55	8,39	8,57	8,91	9,72
Maranhão	2,00	1,26	4,44	7,33	6,84	4,67	5,32
Piauí	10,08	10,08			3,00		
Ceará	14,28	14,23	14,15	14,17	14,24	13,88	14,21
R. G. do Norte			13,46	10,96	9,03	11,19	10,76
Paraíba		1,37	1,33	1,31	1,14	7,97	8,62
Pernambuco	9,00	1,06	1,12	1,15	1,14	1,80	3,20
Alagoas	3,15	1,79	1,50	1,31	7,95	7,80	7,75
Sergipe	8,39	8,67	8,54	7,88	8,40	9,32	12,51
Bahia	1,10	0,97	8,33	8,36	8,21	7,60	6,84

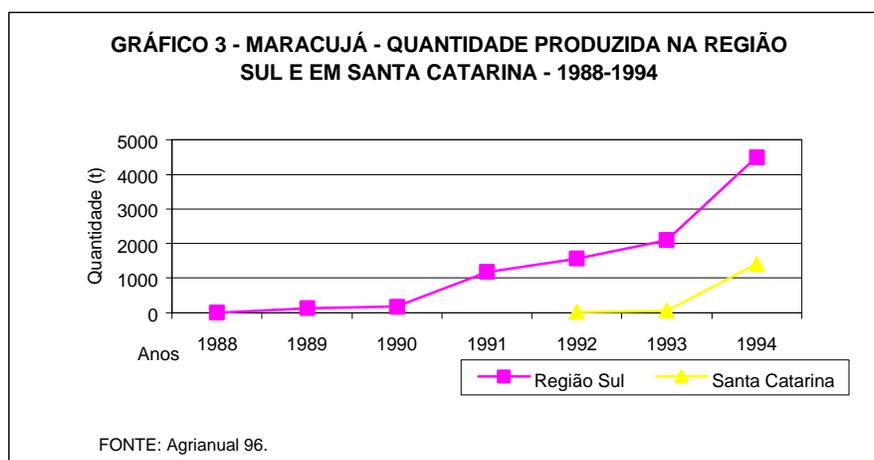
(continua)

(conclusão)

LOCAL	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994
	(t/há)						
Sudeste	16,41	16,35	19,61	15,60	13,14	13,47	12,70
Minas Gerais	10,89	10,25	9,38	5,26	9,44	8,91	11,96
Espírito Santo				19,21	10,54	8,33	9,31
Rio de Janeiro	20,65	20,30	19,56	16,52	14,00	14,48	2,73
São Paulo	8,85	11,50	22,82	19,22	16,52	16,13	17,36
Sul		8,67	8,65	12,78	12,25	11,65	12,13
Paraná		8,67	8,65	12,78	12,30	11,73	11,25
Santa Catarina						9,33	14,64
Rio G. do Sul							
Centro-Oeste	3,71	4,27	2,84	2,49	12,02	15,62	11,32
Mato G. do Sul					1,21		7,13
Mato Grosso						1,80	16,81
Goiás	1,11	2,19	1,52	1,43	13,47	13,90	12,03
D. Federal	9,00	8,40	8,39	8,73	9,76	24,78	9,27

FONTES: Agrianual 96 e IBGE.

A Região Sul ainda tem uma participação bastante tímida em termos de produção, contribuindo com cerca de 1% no total produzido no país. É somente a partir de 1991 que a cultura começa a evoluir nesta região. Até 1994 (ano do último levantamento do IBGE), somente o Paraná e Santa Catarina figuravam como produtores (Gráfico 3).



Destaca-se que a produtividade da região era, em 1994, de cerca de 12 t/ha, rendimento médio semelhante ao alcançado na Região Norte e Nordeste do país, onde a produção é mais significativa. No entanto, deve-se levar em consideração a sazonalidade da cultura, o que significa que enquanto na Região Norte e Nordeste o maracujazeiro produz praticamente o ano inteiro, caracterizando-se por uma produção estável, no Sul a produção se concentra nos meses de fevereiro a maio, caracterizando-se como uma cultura de safra.

2.1. PRODUÇÃO EM SANTA CATARINA

O estado de Santa Catarina começou a constar do levantamento de produção nacional do IBGE como produtor de maracujá a partir de 1992, apresentando uma evolução significativa até 1996. Em 1993, sua produção estava em torno de 56 toneladas, passando para cerca de 1.406 toneladas em 1994 e, segundo dados da Epagri, em 1995/1996 já era de aproximadamente 10.588 toneladas.

A área colhida também apresenta um crescimento bastante expressivo. Segundo o IBGE, em 1993 e 1994 a área colhida era cerca de 2 a 6 hectares, respectivamente, passando na safra 95/96 para cerca de 718 hectares.

A região Sul Catarinense é a que mais produziu no estado, com cerca de 469 hectares plantados na safra 95/96 e uma produção de 6.262 toneladas, segundo dados fornecidos pela Epagri. Estima-se que na safra 96/97 este número tenha aumentado e deve, na próxima safra, aumentar ainda mais. No entanto, não foram somente a área e a produção que sofreram alterações neste período. A produtividade também aumentou para cerca de 15 toneladas por hectare no primeiro ano de produção da cultura. O principal sistema de sustentação utilizado na região é a latada, que permite uma produção maior e maior facilidade de colheita. Nesta região, destaca-se o município de Jacinto Machado, com cerca de 250 hectares plantados, segundo dados da Epagri, e com uma estimativa de aumento de cerca de 100% de área para a safra 97/98.

No Norte Catarinense, segunda região produtora do estado, na safra 95/96 a produção estava em 3.294 toneladas, 170 hectares e produtividade média de 19 toneladas/hectare. O município de Araquari se destaca como o maior produtor da região. Estimativas realizadas pela Epagri apontam uma queda de cerca de 20% na produção em 1997 em relação à safra anterior, decorrente da diminuição de área plantada e de problemas fitossanitários. O sistema de sustentação predominante na região é a espaldeira, por facilitar a mecanização, principalmente no tratamento fitossanitário para controle de doenças, garantindo qualidade aos frutos.

A região de Florianópolis fica em terceiro lugar na produção estadual, com 1.302 toneladas e 100 hectares plantados. Nesta região destacam-se os municípios de Tijucas e Santo Amaro da Imperatriz.

A produtividade do estado, na safra 95/96, foi de cerca de 14,75 t/ha, destacando-se a região de Joinville e Florianópolis como as que apresentaram maior rendimento médio - 19,75 e 17,21, respectivamente -, considerando um ciclo produtivo de três anos para os pomares (Tabela 4).

Segundo levantamento feito junto aos técnicos da Epagri e produtores rurais do sul e do norte do estado, atualmente o ciclo do maracujazeiro é de dois anos, na grande maioria das propriedades, mas a tendência é de que, no futuro, o plantio se efetue anualmente, propiciando a melhoria da qualidade do produto.

A produtividade no estado, em média, é de 15 t/ha, podendo alcançar cerca de 20 a 25 t/ha no segundo ano e 15 t/ha no terceiro. A qualidade dos frutos no primeiro ano, em geral, é superior à dos anos posteriores. Ou seja, apesar de a produtividade ser mais alta no segundo ano, a massa foliar aumenta, dificultando os tratamentos fitossanitários, propiciando o aumento de incidência de pragas e doenças que interferem diretamente na qualidade dos frutos e, conseqüentemente, nos preços recebidos, além de fazer com que o custo de produção se eleve, em conseqüência de maior utilização de mão-de-obra e defensivos. No terceiro ano, os problemas se agravam ainda mais e a produção apresenta queda acentuada, elevando também mais os custos, reduzindo o lucro do produtor rural.

O estado vem-se destacando no segmento de mercado voltado para a comercialização de frutas frescas pela qualidade de seus produtos. Segundo informações obtidas junto à Epagri, essa qualidade é resultado, entre outras coisas, de:

- produção em pequena escala, usando mão-de-obra familiar;
- utilização crescente da latada como sistema de sustentação, principalmente na região Sul do estado, favorecendo a produtividade e a qualidade do produto;
- conscientização do produtor em preservar a população de mamangaba;
- cultivo de variedades que produzem frutos grandes, ovalados, bem aceitos no segmento de mercado de consumo in natura;
- condição climática que alterna temperaturas altas e baixas, propiciando polpa e suco alaranjados, favorecendo sua qualidade e acidez.

O segmento voltado para a transformação do maracujá (extração de polpa, extração de sucos, batidas, remédios, etc.) não tem grande expressão no estado.

A indústria de sucos da Sinuelo, no Rio Grande do Sul, é consumidora assídua do maracujá de Santa Catarina. Além dela, existem pequenas fábricas de batidas dentro do próprio estado e esporádica procura de maracujá para indústrias maiores de São Paulo, Minas Gerais e outros estados. Ressalta-se que para este segmento são destinados produtos de qualidade inferior (principalmente em termos de aparência e tamanho), o que faz parte da característica deste tipo de mercado, por não utilizar a fruta in natura. Isto, conseqüentemente, reflete-se em menores preços pagos pelo produto.

TABELA 4
MARACUJÁ - PRODUÇÃO ESTADUAL DE MARACUJÁ - SANTA CATARINA - 1995 - 1996

MUNICÍPIOS	PRODUTORES (Nº)	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO t/ha
Região Sul	469	469	6.262	13,4
Araranguá	40	35	420	12
Praia Grande	48	60	720	12
Jacinto Machado	253	250	3.750	15
São João do Sul	21	20	280	14
Sombrio	60	45	450	10
Turvo	17	22	264	12
Santa Rosa do Sul	10	12	168	14
Içara	10	15	210	14
Timbé do Sul	10	10	0	0
Região de Fpolis	100	60	1.032	17,2
Biguaçu	10	2,5	50	20
Florianópolis	10	5	100	20
Palhoça	12	8	120	15
Santo Amaro	15	16	240	15
São José	8	2	40	20
Tijucas	24	17	340	20
Outros	21	9,5	142,5	15
Região de Itajaí	30	19	-	-
Camboriú	14	7	-	-
Itajaí	9	9	-	-
Luiz Alves	5	2	-	-
Navegantes	2	1	-	-
Região de Joinville	84	170	3.294	19,4
Araquari	50	130	2.600	20
Barra Velha	6	6	120	20
Guaramirim	10	20	400	20
Itapoá	3	2	30	15
São Francisco do Sul	15	12	144	12
Total do estado	683	718	10.588,5	15

FONTE: Epagri.

3. CUSTO DE PRODUÇÃO

O custo de produção foi calculado considerando o grau de utilização de tecnologia mais comum no estado de Santa Catarina, com o qual se pode obter um rendimento médio em torno de 15 t/ha no primeiro ano e de 20 t/ha no segundo ano. As planilhas de cálculo dimensionam os custos para dois ciclos produtivos do mesmo pomar, ou seja, dois anos.

O custo foi efetuado em quatro etapas: custo de produção da muda, custo para o sistema de sustentação, custo de implantação do pomar e custo de produção da cultura propriamente dito. Os custos foram calculados a preços de agosto de 1997.

Utilizou-se a latada como sistema de sustentação por ser este o mais usado no sul do estado, que hoje detém grande parte da produção. O custo deste sistema de foi depreciado na proporção de 25% ao ano. Ou seja, uma mesma latada serve como suporte para duas plantações de dois ciclos cada, apresentando uma durabilidade de quatro anos.

O custo de produção foi calculado considerando uma plantação de dois ciclos produtivos, ou seja, para dois anos. Pressupondo que a vida útil do sistema de sustentação seja de quatro anos, depreciou-se em 50% para cada plantio (Tabelas 5 a 9).

TABELA 5
MARACUJÁ - CUSTO DE PRODUÇÃO DA MUDA* - AGOSTO - 1997

COMPONENTES	ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE REFERÊNCIA	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)
1 - CUSTO VARIÁVEL					56,60
A. Insumos					23,52
- Adubo químico	S. fosfato simples	kg	0,50	0,25	0,13
- Adubo químico	Cloreto de potássio	kg	0,40	0,30	0,12
- Adubo orgânico	Esterco de aves	kg	70,00	0,01	0,70
- Inseticida	Decis	l	0,01	32,56	0,33
- Fungicida	Cupravit azul	kg	0,30	5,27	1,58
- Sombrite		m ²	30,00	3,23	12,92
- Saco plástico		milheiro	1,00	7,75	7,75
B - Mão-de-obra					
- Mão-de-obra total		dia/homem	4,00	8,27	33,08
2 - CUSTO UNITÁRIO					0,06

FONTES: Instituto Cepa/SC.

* Produção de 1.000 unidades.

TABELA 6
MARACUJÁ - CUSTO DE IMPLANTAÇÃO PARA 1 HECTARE - AGOSTO - 1997

COMPONENTES	ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE REFERÊNCIA	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)
1. CUSTO VARIÁVEL					264,83
A. Insumos					120,46
- Mudas		Unid	900,00	0,06	54,00
- Calcário ensacado		t	2,00	33,23	66,46
B. Mão-de-obra					33,08
- Calagem		dia/homem	1,00	8,27	8,27
- Plantio/replante		dia/homem	2,00	8,27	16,54
- Tutoramento		dia/homem	1,00	8,27	8,27
C. Serviços mecânicos					111,29
- Conservação de solo	(Mtrator+arado)	hora/mtrator	1,50	4,32	6,48
- Distribuição de calcário	(Mtrator+carreta)	hora/mtrator	3,00	4,35	13,05
- Aração	Aluguel de trator	hora/trator	3,00	22,94	68,82
- Gradagem	Aluguel de trator	hora/trator	1,00	22,94	22,94
2. CUSTO FIXO					
- Depreciação	(Custo variável/2)				132,42
3. CUSTO TOTAL	(A+B)				397,25

FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 7
CUSTO DA LATADA PARA SUSTENTAÇÃO DO MARACUJAZEIRO* - AGOSTO - 1997

COMPONENTES	ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE REFERÊNCIA	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)
1. CUSTOS VARIÁVEIS					2316,06
A. Insumos					1998,36
- Palanques p/ final de linha		Unid	100	1,75	175,00
- Palanques p/ meio de linha		Unid	253	1,20	303,60
- Taquaras p/ meio de linha		Unid	253	0,40	101,20
- Arame liso fio 10		kg	400	2,31	924,00
- Arame liso fio 18		kg	200	2,39	478,00
- Grampo de cerca		kg	9	1,84	16,56
B. Mão-de-obra					248,10
- Transporte de material		dia/homem	2	8,27	16,54
- Construção		dia/homem	28	8,27	231,56
C. Serviços mecânicos					69,60
- Transporte interno		hora/mtrator	16	4,35	69,60

(continua)

(conclusão)

COMPONENTES	ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE REFERÊNCIA	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)
2. CUSTOS FIXOS					635,99
- Manutenção	(1% do custo variável)				23,16
- Depreciação	(custo variável-valor residual/4 anos)				473,87
- Remuneração cap. próprio	(custo variável x 6% aa)				138,96
3. VALOR RESIDUAL	(30% valor do arame)				420,60
4. CUSTO TOTAL	(A+B-C)				2531,45

FONTE: Instituto Cepa/SC.

(*) Custo para 1 hectare - Vida útil: 4 anos.

TABELA 8
MARACUJÁ - CUSTO DE PRODUÇÃO POR HECTARE* - AGOSTO - 1997

(1º ano de produção)

COMPONENTES	ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE REFERÊNCIA	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)
1. CUSTOS VARIÁVEIS (CV)					2.343,04
A. Insumos					566,28
- Adubo orgânico	Esterco de aves	t	6,00	10,24	61,44
- Adubo químico	S. fosfato simples	kg	400,00	0,25	100,24
- Adubo químico	Cloreto de potássio	kg	200,00	0,30	60,32
- Fita plástica		kg	0,50	5,42	2,71
- Herbicida	Gramoxone	l	4,50	9,46	42,58
- Inseticida	Decis	l	0,80	32,56	26,05
- Inseticida	Lebaicid	l	1,20	25,52	30,62
- Inseticida	Sumithion	l	0,80	11,38	9,10
- Formicida	Mirex	kg	0,25	3,51	0,88
- Fungicida	Cupravit azul	kg	5,00	5,27	26,35
- Fungicida	Cercobin 700 PM	kg	1,60	19,36	30,98
- Fungicida	Manzate	kg	11,00	7,69	84,59
- Fungicida	Folicur	l	0,60	39,42	23,65
- Fungicida	Rovral	l	1,20	50,16	60,19
- Espalhante adesivo	Agral	l	2,00	3,29	6,58
B. Mão-de-obra					380,42
- Adubação orgânica		dia/homem	2,00	8,27	16,54
- Adubação química		dia/homem	1,50	8,27	12,41
- Aplicação de herbicida (3 aplicações)		dia/homem	1,50	8,27	12,41

(continua)

(continuação)

						(1º ano de produção)	
COMPONENTES	ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE REFERÊNCIA	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)		
- Aplicação de inseticida e fungicida (18 aplicações)		dia/homem	10,00	8,27	82,70		
- Poda de formação e condução		dia/homem	4,00	8,27	33,08		
- Colheita/transporte interno		dia/homem	25,00	8,27	206,75		
- Transporte de insumos		dia/homem	2,00	8,27	16,54		
- Serviços mecânicos					117,45		
- Adubação orgânica	(Mtrator+carreta)	hora/mtrator	5,00	4,35	21,75		
- Adubação química	(Mtrator+carreta)	hora/mtrator	2,00	4,35	8,70		
- Transporte interno	(Mtrator+carreta)	hora/mtrator	20,00	4,35	87,00		
D. Despesas Gerais				1.0% de (1)+(2)+(3)	10,64		
E. Assistência técnica				2% de (1)+(2)+(3)+(4)	21,50		
F. Custos financeiros							
- Juro s/ capital giro	6% ao ano		6%		65,78		
G. Despesas de comercialização					1.246,75		
- Transporte externo	20 km	cx	1100,00	0,04	44,00		
- Caixaria			1100,00	0,85	935,00		
- Classificação, limpeza e embalagem		dia/homem	16,00	8,27	132,32		
- Previdência social	2.7% de RB	RB	0,027	5500,00	135,43		
2. CUSTOS FIXOS (CF)					1.145,99		
A. Custo da latada		R\$			635,99		
B. Custo de implantação		R\$			132,42		
C. Manutenção de benfeitorias	(galpão de 50m)			(1% de VN)/área média/2	3,65		
D. Depreciação	(galpão de 50m)			(VN-VS)/25/área média/2	13,13		
E. Impostos e taxas	Terra de primeira			(0.5% de VT)	10,43		
F. Remuneração do capital fixo				6% de (VN+VS)/2/área média/2			
- Benfeitorias	(galpão de 50m)				12,04		
- Máquinas	(microtrator)				75,34		

(continua)

(conclusão)

COMPONENTES	ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE REFERÊNCIA	QUANTIDADE	(1º ano de produção)	
				VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)
- Implementos	(pulverizador costal+carreta+arado)				12,96
G. Mão-de-obra fixa	administrador		8% de CV		187,44
H. Remuneração da terra	terra de primeira		(3% de VT)		62,60
3.CUSTOS TOTAIS (CV + CF)					3.489,03
4. DADOS PARA ANÁLISE					
- Custo variável		R\$ /cx13 kg			2,13
- Custo fixo		R\$ /cx13 kg			1,04
- Custo total		R\$ /cx13 kg			3,17
ANOTAÇÕES:					
- CV - custo variável			VN - valor novo		
- CF - custo fixo			VS - valor de sucata		
- VT - valor da terra			RB- receita bruta		
- VD - valor do desembolso (itens 1+2+3+4)					
Outros componentes do custo					
- Produção		Cx 13 kg	1.100,00		
- Preço de mercado		R\$ / cx 13 kg	4,56		
- Receita bruta		R\$	5.016,00		
- Capital de giro		R\$	1.096,29		
- Galpão rústico	valor novo	R\$ / 50m2	1.459,00		
- Galpão rústico	valor de sucata	R\$ / 50m2	145,90		
- Valor da terra de primeira		R\$ / ha	2.086,67		
- Máquinas		R\$	8.370,84		
. Microtrator		R\$ / unid	8.370,84		
Implementos		R\$	1.439,85		
. Arado p/ microtrator		R\$ / unid	620,44		
. Pulverizador costal manual (20 l)		R\$ / unid	77,63		
. Carreta p/ microtrator		R\$ / unid	741,78		

FONTE: Instituto Cepa/SC.

* Plantio para dois ciclos produtivos. - Área média: 2 ha. - Rendimento:1.100 caixas de 13 quilos.

TABELA 9
MARACUJÁ - CUSTO DE PRODUÇÃO POR HECTARE* - AGOSTO - 1997

(2° ano de produção)					
COMPONENTES	ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE REFERÊNCIA	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)
1. CUSTOS VARIÁVEIS (CV)					2.775,61
A. Insumos					579,53
- Adubo químico	Sulfato de amônia	kg	250,00	0,27	67,50
- Adubo químico	S Fosfato simples	kg	300,00	0,25	75,18
- Adubo químico	Cloreto de potássio	kg	150,00	0,30	45,24
- Fita plástica		kg	0,50	5,42	2,71
- Herbicida	Gramoxone	l	4,50	9,46	42,58
- Inseticida	Decis	l	0,80	32,56	26,05
- Inseticida	Lebaicid	l	1,20	25,52	30,62
- Inseticida	Sumithion	l	0,80	11,38	9,10
- Formicida	Mirex	kg	0,25	3,51	0,88
- Fungicida	Cupravit azul	kg	5,00	5,27	26,35
- Fungicida	Cercobin 700 PM	kg	2,00	19,36	38,72
- Fungicida	Manzate	kg	12,00	7,69	92,28
- Fungicida	Folicur	l	0,90	39,42	35,48
- Fungicida	Rovral	l	1,60	50,16	80,26
- Espalhante adesivo	Agral	l	2,00	3,29	6,58
B. Mão-de-obra					467,26
- Adubação química		dia/homem	1,50	8,27	12,41
- Aplicação de herbicida (3 aplicações)		dia/homem	1,50	8,27	12,41
- Aplicação de inseticida e fungicida (23 aplicações)		dia/homem	11,50	8,27	95,11
- Poda de formação e condução		dia/homem	10,00	8,27	82,70
- Colheita/transporte interno		dia/homem	30,00	8,27	248,10
- Transporte de insumos		dia/homem	2,00	8,27	16,54
C. Serviços mecânicos					113,10
- Adubação química	(Mtrator+carreta)	hora/mtrator	2,00	4,35	8,70
- Transporte interno	(Mtrator+carreta)	hora/mtrator	24,00	4,35	104,40
D. Despesas gerais					11,60
			1.0% de (1)+(2)+(3)		
E. Assistência técnica					23,43
			2% de (1)+(2)+(3)+(4)		
F. Custos financeiros					
- Juro s/ capital giro	6% ao ano		6%		71,69
G. Despesas de comercialização					1.580,70
- Transporte externo	20 km	cx	1400,00	0,04	56,00
- Caixaria			1400,00	0,85	1190,00

(continua)

(continua)

COMPONENTES	ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE REFERÊNCIA	QUANTIDADE	(2º ano de produção)	
				VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)
- Classificação, limpeza e embalagem		dia/homem	21,00	8,27	173,67
- Previdência social	2.7% de RB	RB	0,027	7000,00	161,03
2. CUSTOS FIXOS (CF)					1.180,60
A. Custo da latada		R\$			635,99
B. Custo de implantação		R\$			132,42
C. Manutenção de benfeitorias	(galpão de 50m)		(1% de VN)/área media/2		3,65
D. Depreciação	(galpão de 50m)		(VN-VS)/25/área media/2		13,13
E. Impostos e taxas	terra de primeira		(0.5% de VT)		10,43
F. Remuneração do capital fixo			6% de (VN+VS)/2/area media/2		
- Benfeitorias	(galpão de 50m)				12,04
- Máquinas	(microtrator)				75,34
- Implementos	(pulverizador costal+carreta+arado)				12,96
G. Mão-de-obra fixa	administrador		8% de CV		222,05
H. Remuneração da terra	terra de primeira		(3% de VT)		62,60
3. CUSTOS TOTAIS (CV + CF)					3.956,21
4. DADOS PARA ANÁLISE					
- Custo variável		R\$ /cx13 kg			1,98
- Custo fixo		R\$ /cx13 kg			0,84
- Custo total		R\$ /cx13 kg			2,83
ANOTAÇÕES:					
- CV - custo variável		VN - valor novo			
- CF - custo fixo		VS - valor de sucata			
- VT - valor da terra		RB- receita bruta			
- VD - valor do desembolso (itens1+2+3+4)					
- Outros componentes do custo					
- Produção		cx 13 kg	1400,00		
- Preço de mercado		R\$ / cx 13 kg	4,26		
- Receita bruta		R\$	5.964,00		
- Capital de giro		R\$	1.194,91		
- Galpão rústico	valor novo	R\$ / 50m2	1.459,00		
- Galpão rústico	valor de sucata	R\$ / 50m2	145,90		

(continuação)

(conclusão)

COMPONENTES	ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE REFERÊNCIA	QUANTIDADE	(2º ano de produção)	
				VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)
- Valor da terra de primeira		R\$ / ha	2.086,67		
- Máquinas		R\$	8.370,84		
.Microtrator		R\$ / unid	8.370,84		
- Implementos		R\$	1.439,85		
.Arado p/ microtrator		R\$ / unid	620,44		
- Pulverizador costal manual (20 l)		R\$ / unid	77,63		
- Carreta p/ microtrator		R\$ / unid	741,78		

FONTE: Instituto Cepa/SC.

* Plantio para dois ciclos produtivos - Área média: 2 ha - Rendimento: 1.400 caixas de 13 kg.

O custo de produção total no primeiro ano é de cerca de R\$ 3.525,00 e, no segundo, de R\$ 3.992,00. Observa-se que o custo no segundo ano sofre um acréscimo de cerca de 13% em relação ao primeiro. Isto se deve principalmente a dois fatores.

- No segundo ano, a produção é maior, o que acarreta aumento de tempo de utilização de mão-de-obra (colheita, transporte interno, classificação), do valor gasto com caixarias e das despesas de comercialização, transporte externo e outros.
- No segundo ano, a cultura possui maior volume de massa foliar, ficando mais vulnerável a pragas e doenças e, portanto, necessitando maior utilização de defensivos e de mão-de-obra para tratos culturais, o que eleva os gastos.

No entanto, o custo de produção por caixa de 13 quilos no segundo ano é menor que no primeiro. Isto é decorrente do aumento da produtividade no segundo ano, que suplanta o aumento de custos. Ou seja, tem-se um aumento de custos de cerca de 13%, com um aumento da produção de cerca de 27%. Isto significa que nas atuais condições (qualidade do produto, mercado, etc.), o retorno de capital para o produtor rural ainda é um pouco maior no segundo ano.

Deve-se, porém, ressaltar que os frutos produzidos no primeiro ano têm, em geral, qualidade superior à dos produzidos no segundo ano, com maior possibilidade de colocação no mercado, podendo alcançar melhores preços.

É importante ressaltar que para efeito de cálculo foi necessário trabalhar com preços médios mensais conforme a classificação, ponderados pela quantidade comercializada. No entanto, o produto de ótima qualidade, se analisado

separadamente, apresenta preços bem mais elevados. Em 1997, por exemplo, seu preço foi de R\$1,00 a R\$1,50 a mais por caixa.

CLASSIFICAÇÃO	PREÇO MÉDIO (cx de 13 kg) R\$	CUSTO TOTAL (cx de 13 kg) R\$	LUCRO LÍQUIDO R\$	MARGEM %
Tipo I	4,56	3,7	1,39	30%
Tipo II	4,26	2,83	1,43	33%

Ao se comparar o custo de produção do maracujá de Santa Catarina e da Bahia² (Anexo II e III), verificou-se que, segundo a metodologia usada pela Embrapa, o custo de produção de Santa Catarina chega a ser cerca de 10% mais alto que o da Bahia. Porém, o preço aqui no estado é cerca de 30% a 40% maior, o que leva o nosso produtor a obter uma margem bruta superior à do produtor da Bahia. Se os preços recebidos pelos produtores em Santa Catarina fossem iguais aos da Bahia, no primeiro ano de produção o produtor teria uma margem negativa.

No entanto, se, por um lado, o produtor de maracujá em Santa Catarina obtém margens maiores que o produtor baiano, por outro, os preços da Bahia, por serem mais baixos, são mais competitivos no mercado nacional. Aliado a isto, a produção baiana é mais bem distribuída durante o ano. Nos meses de entressafra nas Regiões Sul e Sudeste - setembro, outubro e novembro, - o mercado se abastece em grande parte com maracujá da Bahia.

No estado do Pará, outro grande produtor da fruta, ocorre fato semelhante: os preços são mais baixos e a capacidade de fornecimento é bem distribuída. Com isso, o que se quer enfatizar é que os estados das Regiões Norte e Nordeste são competitivos em termos de preço e capacidade de fornecimento, seja para o mercado de frutas frescas, seja para a indústria.

Santa Catarina é competitiva pela qualidade de seu produto e, portanto, deve investir neste aspecto de forma a conquistar um mercado diferenciado.

4. MERCADO

A produção possui basicamente dois destinos: a indústria, principalmente a de extração de polpa e fabricação de suco, e o consumo in natura, distribuído principalmente pelo mercado atacadista das ceasas.

² Fez-se uma adaptação da metodologia do custo de produção de Santa Catarina, para torná-lo comparável ao da Bahia. Portanto os valores do custo detalhado e do custo para comparação apresentam resultados diferentes.

4.1. MERCADO PARA EXPORTAÇÃO

4.1.1. Frutas frescas

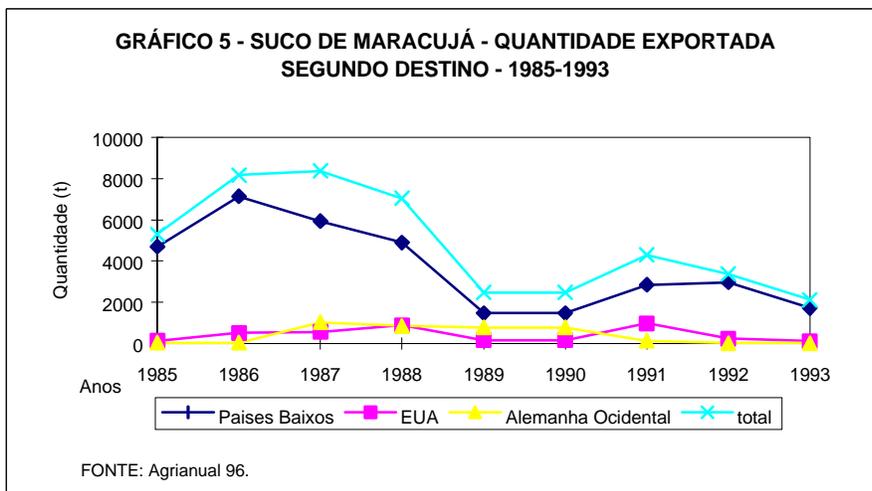
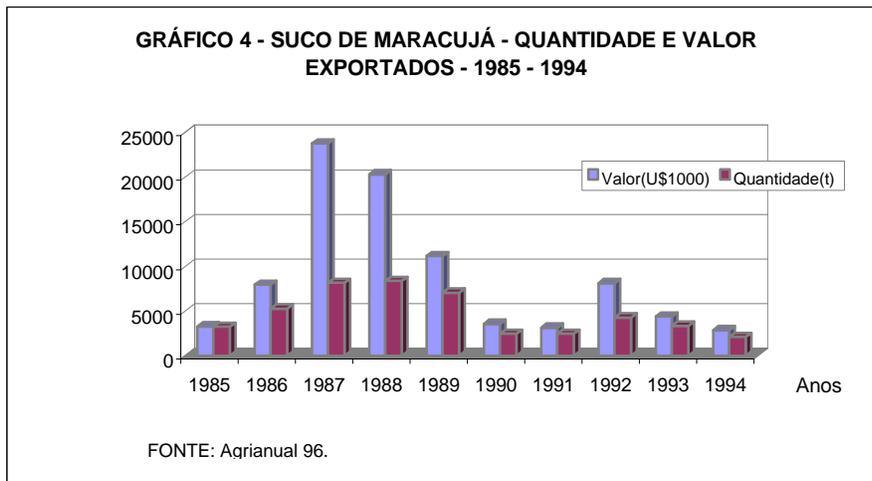
As exportações brasileiras de frutas frescas são consideradas inexpressivas. A Europa importa maracujá de vários países como Quênia, Austrália, Fidji, Taiwan, Colômbia, Venezuela, África do Sul, etc. No entanto, a variedade importada é o *passiflora edulis* (maracujá roxo), diferente da variedade plantada com fins comerciais no Brasil (*passiflora edulis flavicarpa* - maracujá amarelo). O maracujá roxo possui sabor mais adocicado, mais agradável ao paladar europeu. Portanto, o mercado para o maracujá amarelo precisa ser conquistado junto ao consumidor europeu. Para isso, entre outras coisas, necessita de marketing, verificação do cumprimento das exigências do mercado, como o cuidado com a qualidade das frutas (apresentação sem manchas ou danos, peso entre 45-60 gramas e diâmetro entre 4,5-5,0 centímetros, embalagens adequadas ao transporte, etc.), diversificação de cultivares (principalmente com o objetivo de conseguir um fruto mais doce), observação de aspectos fitossanitários, etc.

4.1.2. Produtos industrializados

O Brasil é o maior exportador de suco de maracujá do mundo, tendo dominado o mercado internacional durante muitos anos. Os principais produtores mundiais de sucos e polpa são Brasil, Colômbia, Peru, Equador, Venezuela, Costa Rica, Quênia e Sri Lanka. No entanto, observa-se uma redução acentuada no volume exportado de sucos em relação ao triênio 87-89 (Gráfico 4). Isto se deve a pelo menos dois fatores:

- pressão da concorrência de países como Colômbia, Peru, Equador e outros produtores que têm preços mais competitivos, em consequência de incentivos governamentais recebidos e do menor custo de mão-de-obra;
- influência dos preços do mercado internacional sobre o volume exportado: em 1986, o Brasil exportou 5.300 toneladas, no valor de US\$ 7.961.000; em 1987 e 1988 houve um significativo aumento de preços no mercado internacional, elevando-se o volume exportado; a partir de 1990, os preços baixam significativamente, reduzindo-se também o volume exportado.

Os principais importadores de suco de maracujá concentrado do Brasil são os Países Baixos, a Alemanha e os Estados Unidos. Outros países como Itália, Canadá e Japão também importam o produto brasileiro, se bem que em menor proporção (Gráfico 5).



4.2. MERCADO NACIONAL

4.2.1. Frutas frescas

No mercado nacional, cerca de 50% da produção destina-se ao mercado de frutas frescas, que são distribuídas a cooperativas, ceasas, atacadistas e outras empresas intermediárias, chegando ao consumidor via feira-livre, supermercados, quitandas, etc.

As centrais de abastecimento de São Paulo (Ceagesp) e Rio de Janeiro são importantes pontos de comercialização de frutas frescas. A Ceagesp comercializou, em 1996, cerca de 27.564 toneladas e a Ceasa Rio de Janeiro, 14.556 toneladas.

Ao se comparar o volume comercializado das centrais de abastecimento de São Paulo, Rio de Janeiro e São José/SC, verifica-se que a época de maior volume comercializado é de janeiro a julho (época em que praticamente todos os estados produzem maracujá), apresentando queda de agosto a novembro, recuperando-se em dezembro (Tabela 10). Nestes meses, o mercado das Regiões Sul e Sudeste são abastecidos com frutos das Regiões Norte e Nordeste. Observa-se que nos meses de queda no volume comercializado, principalmente setembro, outubro e novembro - auge da entressafra -, os preços nestes mercados são mais altos. Nos meses de maio, junho e julho são mais baixos.

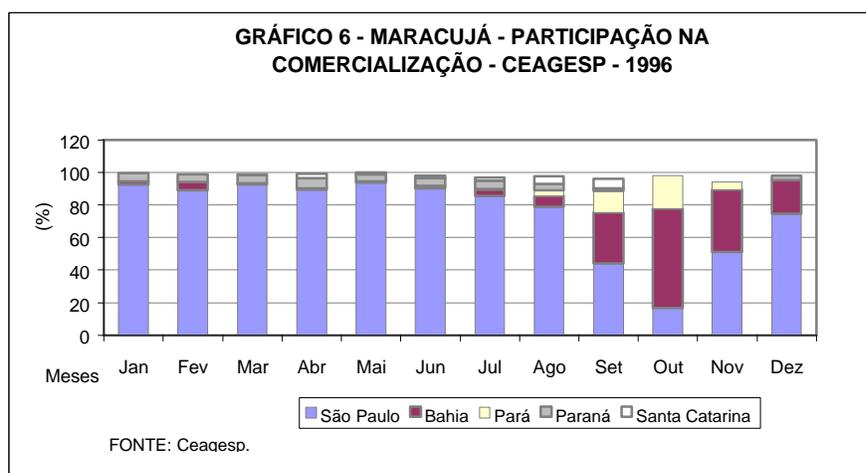
TABELA 10
MARACUJÁ - QUANTIDADE COMERCIALIZADA PELAS CEASAS NAS PRAÇAS DE
SÃO PAULO, RIO DE JANEIRO E SANTA CATARINA - 1996

(t)

CEASAS				
MESES	SÃO PAULO	RIO DE JANEIRO	SANTA CATARINA	
Janeiro	3.993	1.596		119
Fevereiro	3.064	1.664		96
Março	3.968	1.723		62
Abril	3.267	1.749		90
Maiο	3.584	1.567		66
Junho	2.315	1.029		44
Julho	1.995	1.105		25
Agosto	1.553	782		16
Setembro	813	514		8
Outubro	1.131	619		15
Novembro	1.523	1.047		17
Dezembro	2.779	1.248		35

FONTES: Ceasa/RJ, Ceagesp e Ceasa/SC (São José).

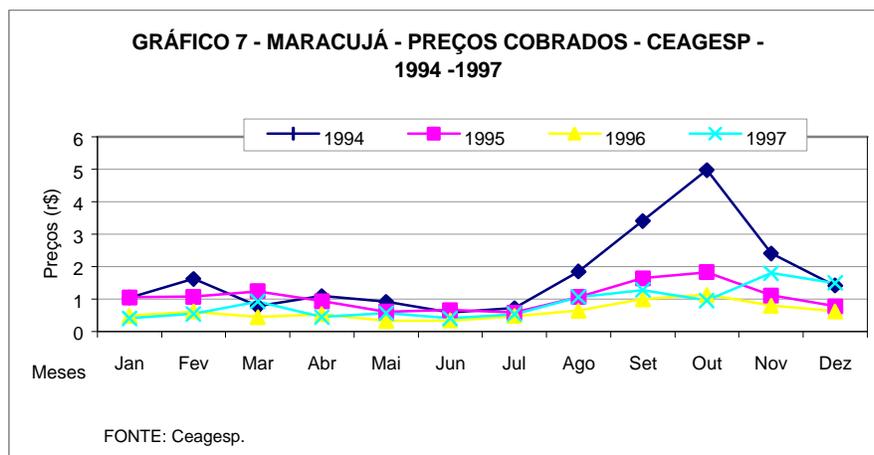
A Ceagesp é praticamente abastecida por maracujá de São Paulo de janeiro a agosto. Em setembro há uma queda que dura até novembro, quando a participação do produto paulista começa a se restabelecer no mercado. No período de setembro, outubro e novembro (entressafra paulista), em 1996, a Ceagesp foi preponderantemente abastecida pelo maracujá dos estados da Bahia e Pará (Gráfico 6).



Santa Catarina teve uma participação muito pequena neste mercado. Em 1996, ano do qual se tem referência, a participação mais expressiva do estado ficou em torno de 4,5% em agosto e em 5,64% em setembro. No entanto, enfatiza-se que nestes meses há queda de volume comercializado; portanto, essa participação mais expressiva não necessariamente representa um aumento na quantidade fornecida do produto catarinense para a Ceagesp (Anexos 4 e 5).

Em relação aos preços, observa-se que, de modo geral, ocorreu uma tendência gradativa de queda de 1994 a 1996. Isto provavelmente se deu devido ao aumento da oferta de produto, principalmente o paulista, ocorrida no período. Já em 1997, ano em que ocorreu uma queda na produção paulista de cerca de 32%, os preços tenderam a aumentar novamente. Porém, não chegaram ao patamar de 1995.

Nos meses de agosto, setembro, outubro e novembro, quando a produção diminui ou cessa, configurando entressafra, principalmente nas Regiões Sul e Sudeste, os preços são mais altos em todos os anos analisados. Isto pode indicar que os estados das Regiões Norte e Nordeste, por suprirem grande parte do mercado neste período, têm maior vantagem em termos de preços (Gráfico 7 e Anexo 6).

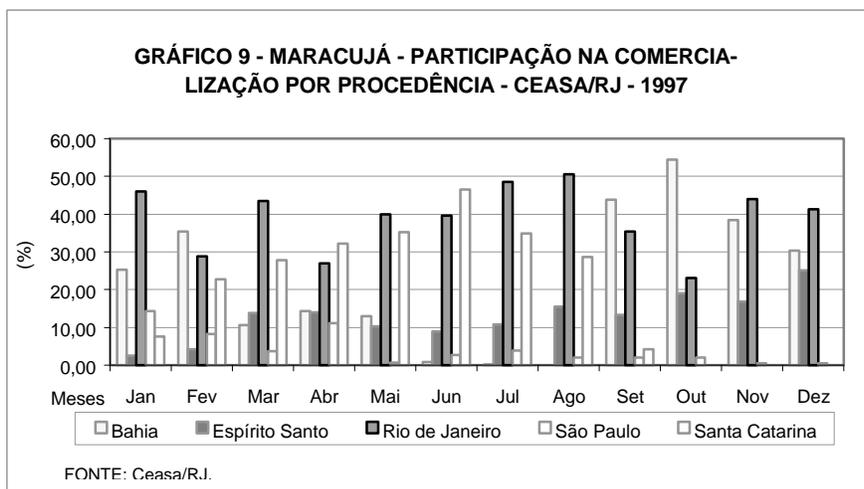
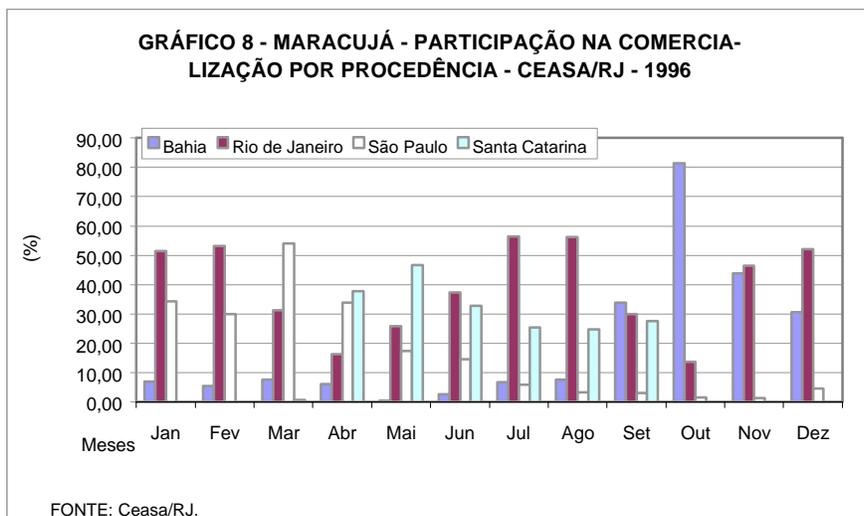


Enquanto na Ceagesp, o estado de São Paulo é o principal fornecedor de maracujá, na Ceasa do Rio de Janeiro ocorre uma distribuição maior quanto à origem do produto (Gráficos 8 e 9).

De janeiro a julho, período de maior volume total comercializado, a participação do estado do Rio de Janeiro não ultrapassou os 57% nos anos de 1996 e 1997. O abastecimento é complementado pelos estados de São Paulo, Bahia, Espírito Santo e Santa Catarina. Em 1996, nos meses de fevereiro e março, a maior participação nessa complementação foi dos estados de São Paulo e Espírito Santo.

Nos meses de abril, maio, junho e julho, a complementação do abastecimento do mercado ficou por conta, principalmente, de Santa Catarina.

Em 1997 houve uma diminuição do produto oriundo de São Paulo, aumentando a participação da Bahia, principalmente em janeiro e fevereiro, e de Santa Catarina em fevereiro, quando coloca seu produto neste mercado mais cedo, participando com 22,76% do produto comercializado. O produto catarinense aparece neste mercado até o mês de agosto, chegando a representar 46% do total do volume comercializado em junho.



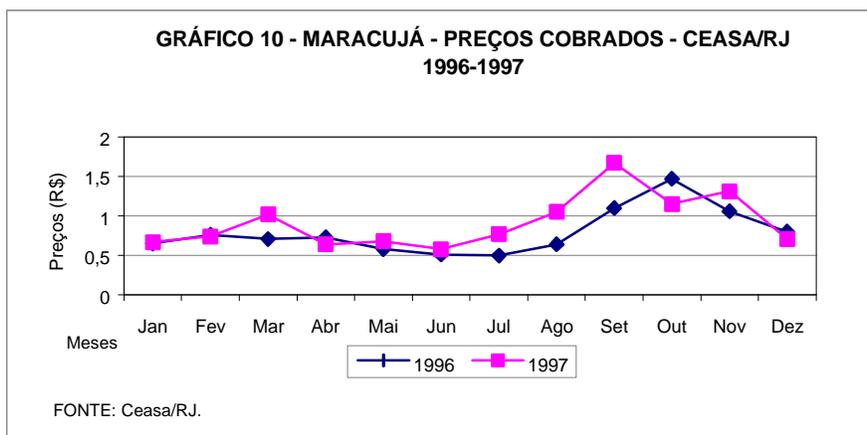
Ressalta-se, portanto, a grande importância do produto catarinense no abastecimento do mercado do Rio de Janeiro no período de fevereiro e/ou março a agosto e/ou setembro. Em 1996, 2.336 toneladas do produto catarinense foram comercializadas neste mercado, representando cerca de 16,05% do volume comercializado no ano. Em 1977 houve um acréscimo de cerca de 19%, ou seja,

2.782.512 quilos, o que representa 22,42% do total. Segundo informações de atacadistas da Ceasa do Rio de Janeiro, o produto catarinense é elogiado pela sua qualidade.

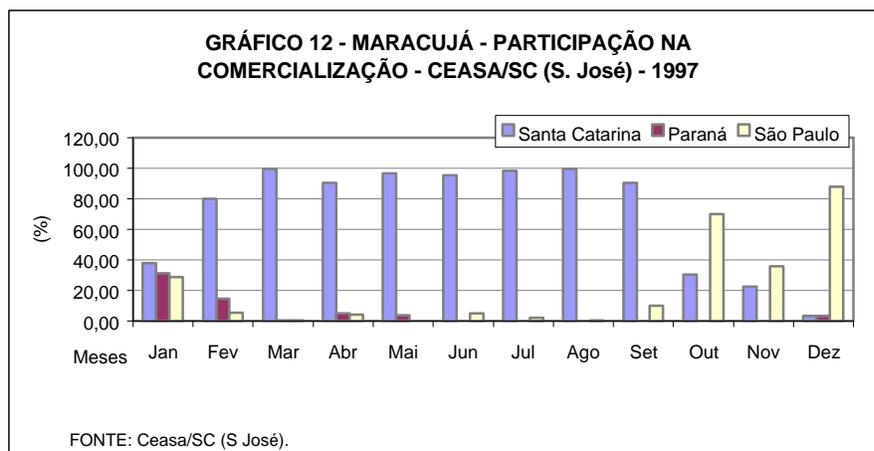
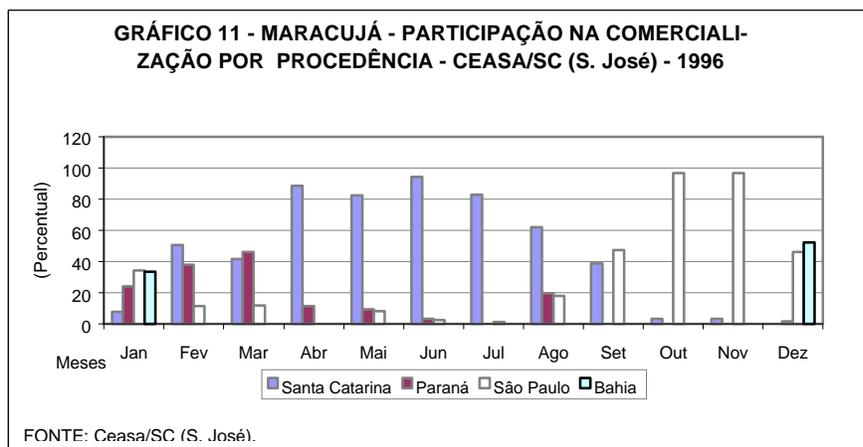
Em agosto há uma queda no volume total comercializado na Ceasa do Rio de Janeiro, que vai até os meses de novembro ou dezembro, dependendo do ano. Neste período, este mercado é abastecido principalmente por maracujá da Bahia e do Rio de Janeiro, com uma participação menor do Espírito Santo. Nestes meses a participação de Santa Catarina é pouco significativa ou inexistente, dependendo do ano. Em 1996, o estado apresentou uma participação significativa até setembro; já em 1997 ela ocorreu até agosto (Anexos 7 e 8).

Os preços, como se pode observar no gráfico 10, são mais altos nos meses de agosto a novembro.

Na Ceasa de São José, o maior volume comercializado vai de janeiro a agosto. Observa-se que o volume total comercializado apresentou aumento significativo em 1996 - cerca de 65% -, apresentando uma queda de 5,5% no ano seguinte.



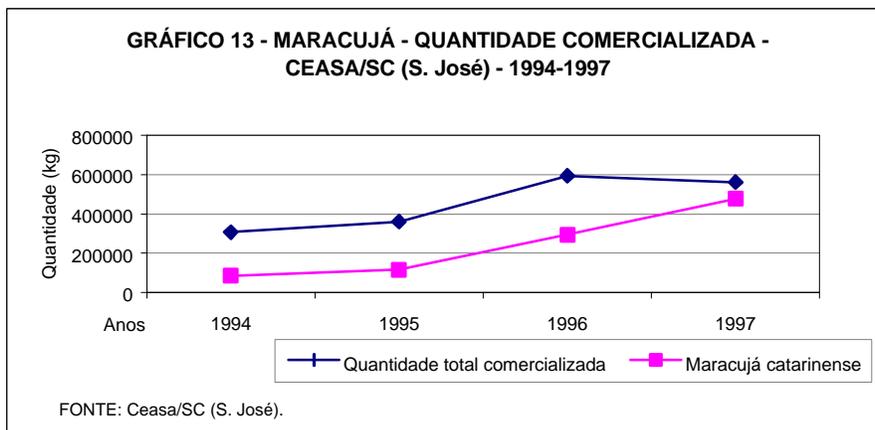
No mês de janeiro, quando a produção catarinense é baixa, a Ceasa se abastece de maracujá de São Paulo, Paraná e Bahia. A partir do mês de fevereiro começa a aumentar a participação do maracujá catarinense no volume comercializado. Em 1996, de abril a julho, a produção catarinense foi quase suficiente para abastecer este mercado. Em 1997, este fato ocorreu entre os meses de março e setembro (Gráficos 11 e 12 e Anexo 9).



No entanto, em agosto começa a ocorrer uma diminuição da produção. A participação no mercado da ceasa ainda se mantém razoável em decorrência da diminuição do volume total comercializado. Nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro, portanto, quem abastece este mercado são São Paulo e Bahia.

O produto catarinense vem aumentando ano a ano sua participação no total do volume comercializado na ceasa. Em 1995, houve um crescimento de cerca de

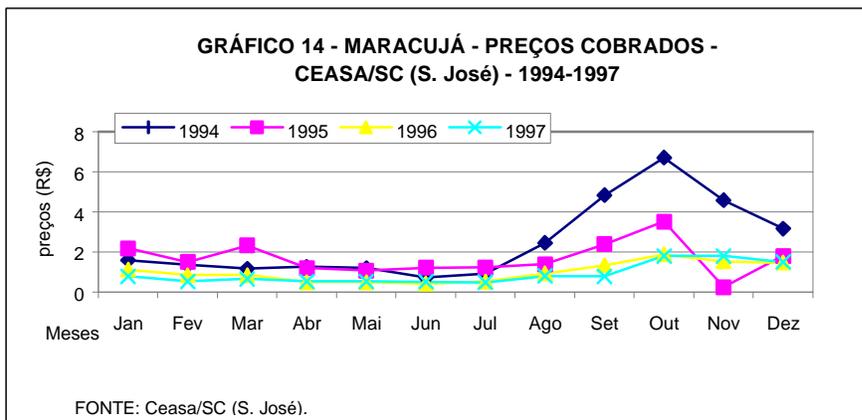
35%; em 1996, chegou a 152% e em 1997, a 62%. Pode-se observar que no ano de 1996 a produção catarinense representava cerca de 49,5% do volume comercializado e em 1997 passou a representar 84,97% (Gráfico 13).



Com relação aos preços, verifica-se que, de modo geral, há uma tendência de queda de 1994 até 1997. Isto pode ser explicado pela maior comercialização de produtos oriundos do próprio estado. Os meses de setembro, outubro e novembro são os que apresentam os preços mais altos (Gráfico 14 e Anexo X).

Além das vendas para a Ceasa de São José, a região de Joinville, por exemplo, destina seus produtos aos mercados de Curitiba e cidades litorâneas, onde o produto é vendido in natura em supermercados, feiras-livres, postos de vendas, etc.

Na região Sul do estado, cerca de 50% da produção é comercializada pela Cooperativa de Jacinto Machado; os outros 50%, por intermediários. Os principais destinos são Florianópolis, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Em 1997, a cooperativa comercializou cerca de 239.589 caixas, 70% das quais de qualidade A e B para consumo in natura. Para os produtos de boa qualidade, os preços ao produtor da caixa de 13 quilos ficaram entre R\$ 3,10 na primeira quinzena de fevereiro e R\$ 12,50 no mês de setembro. Nos meses de maior comercialização - fevereiro a junho -, os preços variaram de R\$ 4,6 a R\$ 8,45. Para os produtos de qualidade inferior (B), os preços variaram entre R\$ 3,00 e R\$ 6,80 no período de maior comercialização - fevereiro a junho.



A média ponderada pela quantidade mensal, de preços alcançados pela caixa de 13 quilos de maracujá de ótima qualidade, ficou em torno R\$ 5,90 e os de boa qualidade, em R\$ 4,40 na safra 96/97.

A partir da análise dos três mercados, pode-se observar que no mercado das Regiões Sul e Sudeste, tendo por base as centrais de abastecimento citadas, ocorre uma queda generalizada no volume comercializado nos meses de setembro, outubro e novembro. Nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, a produção começa em novembro, estendendo-se até agosto do ano seguinte, ou seja, dez meses de produção. No período de entressafra, os estados da Bahia, Pará e Espírito Santo são os que abastecem o mercado dessa região. Em Santa Catarina a produção começa em fevereiro e se estende até agosto, ou seja, sete meses. Os preços, em geral, são mais baixos nos meses de pico de safra (fevereiro a julho). São mais altos em setembro, outubro e novembro. Portanto, um grande desafio para a pesquisa seria a tentativa de estender a produção nestes meses.

4.2.2. Produtos industrializados

A produção que se destina ao mercado de sucos apresenta características diferentes das do mercado de frutas frescas. Enquanto este último tem uma maior exigência com a qualidade e aparência do fruto, o mercado de sucos absorve os frutos menores, com aparência e qualidade inferiores.

Cerca de 50% do total de frutos produzidos no país destina-se à industrialização. O grande mercado está voltado para a extração de sucos concentrados e polpa de fruta. Existem no Brasil grandes indústrias neste ramo, localizadas na Região

Sudeste e Nordeste, como Maguary, Parmalat, Serigy, Jandaia, etc., fortemente inseridas no mercado nacional, com ampla rede de distribuição que abrange todo o país. Existem, também, na Região Norte, Nordeste e Sudeste, indústrias menores que atendem ao mercado regional.

Em Santa Catarina não existe atualmente indústria de processamento de suco de maracujá. No passado, foi implantada uma em Araquari, a qual, segundo informações de técnicos do município, enfrentou grandes dificuldades por falta de mercado para o produto. A indústria Sinuelo, processadora de sucos no Rio Grande do Sul, importa maracujá de Santa Catarina para processamento do suco da fruta, numa política de maximização da utilização de toda infra-estrutura e da maquinaria já existente para processamento de suco de maçã, uva e outras.

Ocorre que o custo de uma indústria de extração de polpa de maracujá capaz de colocar seu produto com algum sucesso no mercado é bastante alto. Necessita-se de muito capital de investimento e fornecimento de matéria-prima durante todo o ano, o que não acontece com a produção de Santa Catarina, que se concentra entre os meses de fevereiro e agosto. Além disso, encontram-se no mercado brasileiro grandes indústrias processadoras, com ampla rede de marketing e distribuição nacional, entre outros fatores, que dificultam a inserção de empresas menores no mercado nacional. Essas grandes indústrias, por necessitarem de estabilidade no fornecimento de matéria-prima, adquirem-nas maciçamente em regiões onde a época de produção é maior (Norte, Nordeste e Sudeste) e os preços pagos aos produtores são mais baixos.

Desta forma, a tendência para o mercado em Santa Catarina, ao que tudo indica, é de produção para o segmento de mercado de frutas frescas para consumo in natura (o qual exige muito mais cuidados com a qualidade do fruto, a colheita, a embalagem, etc.), já que o preço e a competitividade estão fortemente relacionados a estes aspectos.

Isso não quer dizer que não possam existir pequenas unidades de processamento de sucos para abastecer redes locais de lanchonetes e restaurantes, etc., para o aproveitamento dos frutos de menor qualidade, mas não deverão ser grandes absorvedoras de produção, não se justificando aumento de produção para este segmento de mercado.

A respeito da relação mercado-produção do maracujá catarinense, alguns fatos devem ser observados.

- A produção catarinense de maracujá está voltada fundamentalmente para o segmento de mercado de frutas frescas, para o qual sua qualidade é boa. O segmento voltado para a industrialização, absorvedor de frutos de menor qualidade, encontra dificuldades para se estabelecer, entre outros fatores, devido ao problema de estabilidade de fornecimento ao longo do ano, já que o

estado produz por cerca de seis a sete meses, e à concorrência das grandes empresas processadoras de sucos, já inseridas no mercado nacional e internacional.

- A produção catarinense já está sendo praticamente suficiente nos meses de safra para abastecer o mercado da Ceasa de São José.
- Houve um aumento da participação do maracujá catarinense no total do volume comercializado na Ceasa do Rio de Janeiro em 1997. Porém, neste mesmo ano ocorreu uma significativa redução do produto paulista. Com a recuperação da produção desse estado, a participação catarinense pode vir a diminuir no mercado do Rio de Janeiro.
- A produção catarinense, que ocorre em menor número de meses em relação aos estados da Região Norte, Nordeste e Sudeste, coincide com o pico da safra de outros estados. Por isso, além de não conseguir colocar no mercado estadual ou nacional seu produto nos meses em que os preços estão mais altos, ainda necessita comprar produtos de outros estados durante cinco meses para abastecer seu próprio mercado. Observa-se que em agosto e setembro aparece maracujá catarinense nos mercados do Rio de Janeiro e São Paulo. Provavelmente estes são meses vantajosos para Santa Catarina em relação a esses estados, mas não se pode esquecer que neste período o volume comercializado é pequeno.
- O período de maior produção praticamente coincide no país. Isto resulta em preços mais baixos em razão do aumento da oferta de produto. No período em que cessa a produção do Sul e do Sudeste, mas apenas diminui no Norte e no Nordeste, os preços tendem a se elevar pela diminuição da oferta do produto. Portanto, os estados que conseguem abastecer o mercado no período de menor oferta apresentam vantagens de mercado em relação aos outros. Tal vantagem não se resume somente aos preços, mas diz respeito também à possibilidade de barganha maior para colocação do produto no mercado, mesmo no período de safra.

Por estas e outras razões, desde já se chama a atenção para que não haja uma produção maior que a demanda a ponto de o mercado não conseguir absorver o excedente. Isto acarretará queda de preço e desestímulo para o produtor rural.

Considerações finais

Em Santa Catarina a cultura do maracujá nasceu voltada para o mercado de frutas frescas para consumo in natura, no qual, ao que tudo indica, deverá permanecer. Isto porque:

- ❑ o produto é bem aceito pelos consumidores e tem reconhecida qualidade;
- ❑ os preços pagos aos produtores são mais altos para venda de produtos para este segmento de mercado, proporcionando maior receita aos produtores rurais;
- ❑ a produção catarinense dura cerca de seis a sete meses, dependendo do ano, o que dificulta o fornecimento de produto para indústria, que necessita de matéria-prima durante o ano todo, o que não quer dizer que o maracujá catarinense não possa ser utilizado como matéria-prima da indústria de sucos, pois sempre existe um percentual de produção que apresenta menor qualidade, o qual deve ser destinado a este segmento de sucos e concentrados para que fiquem para consumo in natura somente os produtos de boa qualidade, contribuindo, assim, para uma imagem positiva do produto catarinense.

Isto já ocorre. Cerca de 30% do volume comercializado pela Cooperativa de Jacinto Machado, em 1997, foi destinado à indústria. Mas estes são os produtos de baixa qualidade e, portanto, de menor aceitação pelo consumidor de frutas frescas.

Tal fato não significa que não possam existir pequenas unidades de fabricação de suco para abastecimento local, em rede de restaurantes, lanchonetes, etc. Porém, deve-se ter presente que será uma atividade que funcionará no período de produção, ou seja, por seis ou sete meses, e contará com a competição de grandes grupos fortemente inseridos no mercado. Portanto, a viabilidade deste tipo de empreendimento deve ser estudada com maior cuidado.

Neste sentido, é importante concentrar esforços ainda maiores na melhoria da qualidade do produto catarinense, buscando a competitividade no segmento de mercado de frutas frescas, através da diferenciação do produto em relação a outros estados.

O cultivo do maracujá tem-se mostrado uma alternativa interessante para muitos produtores rurais em Santa Catarina. Suas vantagens estão no aproveitamento de

pequenas áreas, na utilização de mão-de-obra familiar e, principalmente, na complementação de receita durante seis a sete meses.

A produção catarinense vem crescendo significativamente nos últimos anos. O mercado interno tem sido praticamente abastecido por produto do estado nos meses de produção. Santa Catarina tem uma importante participação no mercado do Rio de Janeiro, o qual, inclusive, cresceu em 1997; no entanto, deve-se considerar que neste ano a produção de São Paulo diminuiu, conseqüentemente permitindo um espaço maior para o produto catarinense.

Dentro deste contexto, em que já se está satisfazendo quase totalmente a demanda interna nos meses de produção, existe a possibilidade de uma redução de participação no mercado do Rio de Janeiro se São Paulo aumentar sua produção. Como não existe na Região Sul uma indústria capaz de absorver grande quantidade de produto, é importante ressaltar que um aumento muito grande de produção é capaz de exceder a demanda e, conseqüentemente, baixar os preços, desestimulando os produtores, que hoje estão satisfeitos com o resultado.

Para que haja um aumento de produção, deve-se ter uma perspectiva de mercado de mais longo prazo e não se balizar no resultado positivo de um determinado ano. Maracujá é um produto encontrado em praticamente todos os estados do país. As Regiões Norte e Nordeste têm a produção mais bem distribuída ao longo do ano, podendo suprir os mercados do Sul e Sudeste nos período de entressafra, e possuem preços mais baixos. Portanto, a grande perspectiva de mercado para o produto catarinense, ao que tudo indica, é investir na qualidade do produto, em pesquisa adaptada à região e em aspectos de comercialização, como embalagem e transporte, direcionando a competitividade do maracujá cada vez mais para a diferenciação do produto em relação aos demais estados.

Finalmente, é importante lembrar que a cultura do maracujá é bastante vulnerável a pragas e doenças. Por isso é imprescindível que haja cuidados fitossanitários rigorosos por parte dos produtores, assim como é preciso que se desenvolvam pesquisas para melhorar a adaptação da cultura às nossas condições climáticas.

ANEXO I

DOENÇAS DO MARACUJAZEIRO³ (*)

“ Na instalação de novos pomares de maracujazeiros têm-se duas situações distintas. A primeira refere-se à quela em que o plantio será efetuado em áreas indenes, ou seja, locais onde nunca se cultivou maracujazeiro, mesmo nas imediações.

Nesta situação não se têm condições de fazer previsões sobre a morte prematura das plantas ou murcha, uma das doenças mais terríveis da cultura. Por outro lado, nos primeiros anos as doenças da parte aérea da planta são de fácil controle e de incidência baixa, mas à medida que a população aumenta e se prolonga o uso do mesmo local, fatalmente haverá maior incidência de doenças, como bacteriose, antracnose, verrugose, septoriose e viroses.

DOENÇAS NO VIVEIRO DE MUDAS

Tombamento, mela, rizoctoniose

Plantas com até 3-4 folhas definitivas estão sujeitas a apresentar tombamento, mela ou rizoctoniose. Fungos do gênero Pithium, Rizoctonia e outros podem desenvolver-se na região do colo e logo acima dele, matando a plântula ou causando ferimentos, os quais interrompem a circulação normal da seiva. Algumas vezes, após o controle, a região danificada fica cicatrizada, permitindo a manifestação das doenças posteriormente, quando as condições climáticas forem favoráveis à ação do agente patogênico.

Controle

Localizar os viveiros em local bem drenado, ventilado, distante ou isolado de pomares em produção. Reduzir ao mínimo a irrigação, bem como o sombreamento das mudas, quando surgirem mudas tombadas, com apodrecimentos na região do coleto.

³ Texto extraído do documento: RUGGIERO, C. et al. Maracujá para exportação: aspectos técnicos da produção. Brasília:Embrapa, 1996. 64p. (Publicações Técnicas Frupep, 19). p. 43-46.

(*) Estas doenças são mais freqüentes na Região Sudeste.

Utilizar sementes novas, com boa germinação, e que dêem origem a plantas saudáveis e vigorosas. Não fazer semeadura nos meses de precipitação intensa e constante, salvo se utilizar de túneis ou coberturas de plástico nas plantas.

Encher os recipientes para mudas, com uma mistura equilibrada de terra peneirada (peneira nº 26), adubos químicos e adubos orgânicos rigorosamente fermentados. Esterilizar a mistura preferencialmente com brometo de metila, ou utilizar os ingredientes da mistura de boa origem.

Bacteriose e Antracnose

As folhas poderão apresentar manchas, partes lesionadas de coloração marrom, com bordos aquosos ou cloróticos, que poderão desprender-se facilmente da plântula. Maiores detalhes serão vistos em plantas adultas.

Controle

Preventivo - não localizar os viveiros de mudas próximo a plantios comerciais, principalmente aqueles em fase final de vida útil, decadentes e mal-cuidados. Proteger os viveiros de ventos fortes com quebra-ventos. Aplicar produtos à base de cobre, como oxicloreto de cobre a 0,25%, alternado com Maneb ou outro, a fim de evitar toxidez por cobre.

Lembre-se: a localização do viveiro é muito importante.

DOENÇAS DAS PLANTAS NO CAMPO

Doenças da parte aérea

Bacteriose

De acordo com YAMASHIRO, 1987, o maracujazeiro tem apenas uma doença de origem bacteriana, causada pela bactéria *Xanthomonas campestris pv. passiflorae* Per., que parece ser o único agente em todo o país, de norte a sul.

As lesões provocadas pela bactéria geralmente são mais facilmente perceptíveis nas folhagens internas da planta, pelo fato de o ambiente favorecer o agente causal e também porque as folhas recebem menos proteção de defensivos.

Começam no limbo foliar por pequenas pontuações translúcidas de aspecto aquoso (anasarca), que depois evoluem para uma coloração mais escura, quando então podem tomar diversos formatos, dificilmente arredondados e com tamanho médio de 3 a 4 milímetros.

Se nesse ponto ocorrem precipitações, as manchas tomarão grandes áreas por coalescência, e o agente que penetra através dos vasos do pecíolo tanto provoca a queda de folhas como pode continuar através dos vasos a sua ação sobre os ramos, causando uma seca no sentido do ápice para a base da planta.

Se as condições não forem favoráveis à doença, teremos as folhas ainda presas às plantas, exibindo grandes áreas necrosadas, caracterizando-se por apresentarem de forma destacada sinais daquelas pústulas iniciais, fato que não ocorre em outras podridões de folhas.

O patógeno ataca todos os órgãos da parte aérea do maracujazeiro e é bem notado em frutos maduros, onde se apresenta sob a forma de pequenas manchas pardas, com contornos esverdeados e que em condições favoráveis forma grandes áreas necrosadas por coalescência.

A transmissão da bactéria de um pomar para outro pode ser feita através do vento, de mudas contaminadas, caixas de colheita, trabalhador, máquinas e sementes originárias de pomares contaminados.

Lembre-se: não colha frutos de plantas doentes.

Antracnose

A antracnose é causada pelo fungo Colletotrichum gloeosporioides Penz, cuja ação é favorecida por alta umidade (principalmente chuvas copiosas) e temperatura média (por volta de 26°C a 28°C), fatores que ocorrem conjugados apenas no verão, nas condições do planalto paulista; no outono, no litoral, razão por que assume enorme importância de fins de dezembro a fins de março no planalto e de março a início de junho no litoral. Com a chegada do frio, a importância da moléstia diminui, sendo pequena a sua incidência nos meses de inverno, mesmo que ocorram chuvas.

Lembre-se: no verão a antracnose prolifera mais rapidamente.

Sintomas

A. Nas folhas: nas que completaram metade do seu desenvolvimento, os sintomas começam pelo aparecimento de manchas de aspecto aquoso e com uma tonalidade mais escura que o verde normal, relativamente grandes (1 centímetro ou mais), comumente nas margens do limbo, sobretudo nas junções angulares dos lóbulos. Posteriormente ficam de coloração clara; os tecidos se apresentam desagregados, dando a impressão de que a porção afetada está "derretida". No centro da porção necrosada podem surgir áreas brancas ou acinzentadas, com rachaduras. Mais tarde, estas manchas mudam de tonalidade, passando a pardacentas, tomando grandes porções das folhas que, no final, caem dos ramos, resultando daí um intenso desfolhamento. Frequentemente, nessas áreas necrosadas podem-se observar formações mais ou menos concêntricas, de pontos pretos, que são os órgãos de frutificação do fungo.

B. Nos ramos: os sintomas iniciais consistem no aparecimento de manchas de coloração verde mais intensa, que evoluem para uma necrose alongada no sentido longitudinal do ramo e que mais tarde se aprofundam, podendo envolver toda a sua circunferência e resultar no secamento do ponteiro, ocasião em que as plantas geralmente já se acham despidas de folhagem.

Nos ramos assim mortos pode-se observar a frutificação do patógeno.

C. Nos frutos: geralmente os frutos não são afetados quando pequenos; entretanto, quando atingem seu tamanho máximo, começam a apresentar grandes manchas oleosas que tanto podem evoluir para a forma de necrose, tornando-se mumificados, como de podridão-mole, quando atingirem a maturação. Em ambos os casos, a lesão quase sempre afeta a polpa, ocasionando a sua deterioração. Ocorrem pontuações pretas, resultantes da produção de órgão de frutificação.

As informações disponíveis sugerem que a gravidade da antracnose no maracujazeiro está associada à presença de bacteriose e a ações mecânicas que provocam machucadura nos tecidos, facilitando o parasitismo.

Lembre-se: nos pomares devem-se instalar "quebra-ventos"; os equipamentos de pulverização devem ser bem regulados, evitando-se pressão em demasia; evite o deslocamento de máquinas no pomar em dia de chuva. Chuvas fortes e granizo predispõem o maracujazeiro a doenças.

*É importante destacar que a *Passiflora nitida* mostrou-se imune à antracnose, mesmo provocando-se ferimentos superficiais, abrindo espaço para trabalhos de melhoramento.*

Verrugose ou Cladosporiose

A doença é causada pelo fungo *Cladosporium herbarum* Link, que ataca a maioria das passifloráceas. É uma doença de múltiplas manifestações, vulgarmente conhecida por verrugose dos frutos, cancro-dos-ramos novos e perfurações foliares. Doença típica de tecidos tenros, a cladosporiose aparece sempre em brotações (folhas e ramos) e em frutinhas pequenos (menores que 3 centímetros), em forma de pequenas pontuações escuras e deprimidas que à medida que crescem de diâmetro tomam forma que varia de acordo com o modo de desenvolvimento do órgão atacado.

Sintomas: nos frutos e folhas, as depressões tomam a forma normalmente circular, ao passo que nos ramos elas aparecem alongadas e na forma de barquinho. Após certo tempo, o fungo exhibe no fundo de tais depressões a sua frutificação, de aspecto pulverulento e de coloração cinza-azeitonada.

Nesse ponto, o tecido epitelial se rompe, com dois tipos de conseqüências: as folhas simplesmente ficam com um orifício no local, que, se for na nervura, ainda resulta na sua deformação por encarquilhamento. Nos ramos e frutos, o tecido meristemático adjacente propicia a formação do calo cicatricial; no caso de frutos sem controle do tecido epitelial, formam-se grandes calombos, que vêm a se constituir nas referidas verrugas, que depreciam comercialmente os frutos.

Nos ramos, embora não haja exagero apresentado dos sintomas nos frutos, o tecido meristemático forma os barquinhos emborcados no local, salientes e rígidos, e que a ação de um vento mais forte pode quebrar, causando um atraso no início da safra. Portanto, é necessária a emissão de novos ramos em substituição aos rompidos.

Septoriose

Doença rara, mas potencialmente muito grave, porquanto a sua ação sem controle desfolha completamente as plantas com morte dos ponteiros, o que significará o retardamento da safra em pelo menos seis meses.

Causada pelo fungo *Septoria passiflorae* Lown, ataca ramos e folhas.

Sintomas: nas folhas causa necrose com cerca de 3 a 5 milímetros de diâmetro, forma levemente circular e com uma conspícua coroa amarelada. A característica fundamental da doença é que, atingida a porcentagem de 15% a 20% das folhas de uma planta, todas as folhas da planta se destacam, deixando-a desnuda, inclusive com a perda dos ponteiros.

Em plantações regularmente assistidas no aspecto fitossanitário, por meio de tratamentos químicos, a septoriose dificilmente é observada, indicando que o agente causal é de fácil controle.

Lembre-se: a ocorrência da septoriose é uma indicação de que o tratamento fitossanitário precisa ser melhorado.

Pintas Ferruginosas

*É uma doença caracterizada por se apresentar sob a forma de pequenas manchas de cor pardo-avermelhada sobre folhas, ramos e frutos. As manchas podem evoluir para necrose, pouco importante em folhas ou frutos; são perigosas nos ramos, pois, por coalescência, podem levá-los a secar. A doença tem como agente causal o fungo de gênero *Alternaria*, que aparentemente não tem preferência por uma estação determinada, estando presente em todas as épocas do ano, causando prejuízos regulares, ou maiores, se não controlada. No Brasil, parece não causar danos tão alarmantes quanto a antracnose.*

DOENÇAS DAS PARTES BAIXAS DO MARACUJAZEIRO

*São doenças cuja sintomatologia, como revela o nome, encontra-se nas partes baixas da planta, mais precisamente à altura do colo ou nas inserções das raízes superficiais. Já foram determinados alguns agentes patogênicos no Brasil, como *Phytophthora cinnamoni* Kands, *Fusarium oxysporum* f. *passiflorae*, *Fusarium solani*, *Xanthomonas campestris* f. *passiflorae* Per. As principais serão apresentadas a seguir.*

Podridão-do-pé

*Doença causada pelo fungo *Phytophthora cinnamioni* Kands, caracteriza-se por penetrar nos tecidos epiteliais das plantas e procurar, de preferência, os tecidos de câmbio e aí fazer sua colonização maior, originando a deteriorização dos tecidos adjacentes e, com a sua expansão, causar progressivamente uma constrição que tem como consequência uma seca da planta, acompanhada de amarelecimento e queda das folhas até a seca total*

Murcha

*Doença muito semelhante à anteriormente descrita em suas conseqüências finais, com a morte da planta. Causada pelo fungo *Fusarium oxysporum* Chl f. *passiflorae* Purss, apud Gordon, a doença tem uma sintomatologia um pouco diferente da podridão-do-pé, conquanto o efeito final seja o mesmo.*

Assim, o fungo penetra preferencialmente pelas raízes, primárias ou secundárias, indiferentemente, e deteriora inicialmente a casca, penetrando depois no tecido lenhoso onde vai fazer sua expansão maior através dos vasos, subindo a alturas consideráveis. Quando o fungo toma determinada extensão nos tecidos da planta, por fitotoxidade (ainda não bem estudada), causa a morte repentina da planta, levemente perceptível 48 horas antes, por se notar leve perda de turgidez dos ponteiros. Essa morte repentina e inesperada da planta é a principal diferença entre a sintomatologia desta doença e a daquela descrita para a podridão-do-pé.

As outras diferenças são mais de aspecto técnico. Enquanto a podridão do pé mata a planta, tomando área cada vez maior no câmbio e conseqüente secagem dos tecidos adjacentes, a murcha mata a planta por causar uma espécie de impermeabilização dos vasos, o que significa que os vasos se encontram com a água, mas esta não atinge os órgãos necessitados. Outro sintoma bem marcante é que cortes longitudinais no tronco revelam, à altura dos vasos lenhosos, manchas de cor ferruginosa.

As duas doenças, uma vez presentes em planta, não comportam controle em nível econômico, sendo mais interessante ao lavrador o abandono das plantas atacadas. Remover as plantas mortas pode significar o transporte do fungo para áreas ainda indenas.

Preventivamente, esta doença pode ser evitada, escolhendo-se melhor o terreno destinado ao pomar. As melhores áreas são constituídas por aquelas trabalhadas de longa data, em cultivos de culturas anuais e de topografia levemente inclinada, a fim de se evitar empocamento de água. Terrenos recém-desbravados são contra-indicados ao plantio do maracujazeiros. “

ANEXO II**CUSTOS DE PRODUÇÃO DE MARACUJÁ – RECÔNCAVO BAIANO – AGOSTO - 1997**

(R\$ 1,00)

ESPECIFICAÇÃO	UNI-DA-DE	PREÇO POR UNID.	ANO 1		ANO 2		ANO 3	
			Quantid.	Valor	Quantid.	Valor	Quantid.	Valor
1. INSUMOS								
Mudas + 5% de replantio	Uma	0,40	700	280,00	0	0,0	0	0,00
Calcário dolomítico	t	70,00	2	140,00	0	0,0	0	0,00
Uréia	kg	0,33	230	75,90	370	122,10	270	89,10
Superfosfato simples	kg	0,18	444	79,92	333	59,94	0	0,00
Cloreto de potássio	kg	0,24	150	36,00	170	40,80	140	33,60
Esterco de curral	m ³	37,50	16	600,00	0	0,00	0	0,00
Formicida	kg	3,85	3	11,55	0	0,00	0	0,00
Inseticida	l	24,00	3	72,00	2	48,00	2	48,00
Fungicida	kg	35,70	3	107,10	6	214,20	5	214,20
Espalhante adesivo	l	4,00	3	12,00	1	4,00	1	4,00
Preservativo para estacas	l	5,75	5	28,75	0	0,00	0	0,00
Arame n.12 ou n.14	kg	1,68	120	201,60	0	0,00	0	0,00
Cordão	rolo	0,80	2	1,60	0	0,00	0	0,00
Grampo	kg	1,96	2	3,92	0	0,00	0	0,00
Estacas	uma	2,50	667	1.667,50	0	0,00	0	0,00
Subtotal				3.317,84	489,04			388,90
Particip. percentual				76,31	44,50			43,26
2. PREPARO DO SOLO E PLANTIO								
Roçagem e destoca	h/tr	15,00	10	150,00	0	0,00	0	0,00
Encoivramento e queima	D/ll	5,00	6	30,00	0	0,00	0	0,00
Aplicação de calcário	D/ll	5,00	2	10,00	0	0,00	0	0,00
Aração e gradagem	h/tr	15,00	6	90,00	0	0,00	0	0,00
Marcação de área	D/H	5,00	5	25,00	0	0,00	0	0,00
Coveamento para estacas	D/H	5,00	7	35,00	0	0,00	0	0,00
Coveamento para mudas	D/H	5,00	8	40,00	0	0,00	0	0,00
Aplicação de fertilizantes	D/H	5,00	2	10,00	0	0,00	0	0,00

(continua)

(conclusão)

(R\$ 1,00)

ESPECIFICAÇÃO	UNI-DA-DE	PREÇO POR UNID.	ANO 1		ANO 2		ANO 3	
			Quantid.	Valor	Quantid.	Valor	Quantid.	Valor
Aplicação de preservativos	D/H	5,00	2	10,00	0	0,00	0	0,00
Espaldeiramento	D/II	5,00	12	60,00	0	0,00	0	0,00
Plantio e replantio	D/H	5,00	5	25,00	0	0,00	0	0,00
Tutoramento	D/H	5,00	2	10,00	0	0,00	0	0,00
Subtotal				495,00		0,00		0,00
Particip. percentual				11,38				
3. TRATOS CULTURAIS E FITOSSANITÁRIOS								
Poda de condução/limpeza	D/II	5,00	3	15,00	5	25,00	5	25,00
Coroamento	D/H	5,00	20	100,00	10	50,00	10	50,00
Roçagem	D/H	5,00	22	110,00	30	150,00	30	150,00
Aplicação de defensivos	D/H	5,00	6	30,00	6	30,00	6	30,00
Aplicação de fertilizantes	D/H	5,00	6	30,00	16	80,00	16	80,00
Subtotal				285,00		335,00		335,00
Particip. percentual				6,55		30,48		37,27
4. COLHEITA								
Manual	D/H	5,00	50	250,00	55	275,00	35	175,00
Subtotal				250,00		275,00		175,00
Particip. percentual				5,75		25,12		19,47
CUSTO OPERACIONAL EFETIVO				4.247,84		1.099,04		898,90
PERCENTUAL TOTAL				100,00		100,00		100,00
ENCARGOS FINANCEIROS				521,74		131,88		107,87
CUSTO OPERACIONAL TOTAL				4.869,58		1.230,98		1.006,77

FONTE: Embrapa/CNPMF/A.S.E.

OBS: Espaçamento 3,00m x 5,00m (666 plantas/ha).

ANEXO III**CUSTOS DE PRODUÇÃO**

ESPECIFICAÇÃO	DISCRIMINAÇÃO	UNI DA DE	PREÇO POR UNIDADE	ANO 1		ANO 2	
				QUANT.	VALOR	QUANT.	VALOR
1. INSUMOS							
Mudas		unid.	0,14	900	126,00	0	0,00
Calcário ensacado		t	33,23	2	66,46	0	0,00
Sulfato de amônia		kg	0,27	0	0,00	250	67,50
Adubo orgânico	Esterco de aves	t	10,24	6	61,44	0	0,00
Superfosfato simples		kg	0,25	400	100,00	300	75,00
Cloreto de potássio		kg	0,3	200	60,00	150	45,00
Herbicida	Gramoxone	l	9,46	4,5	42,57	4,5	42,57
Inseticida	Decis	l	32,56	0,8	26,05	0,8	26,05
	Lebaicid	l	25,52	1,2	30,62	1,2	30,62
	Sumithion	l	11,38	0,8	9,10	0,8	9,10
Formicida granulado	Mirex	kg	3,51	0,25	0,88	0,25	0,88
Fungicidas	Cupravit azul	kg	5,27	5	26,35	5	26,35
	Cercibin 700 PM	kg	19,36	1,6	30,98	2	38,72
	Manzate	kg	7,69	11	84,59	12	92,28
	Folicur	l	39,42	0,6	23,65	0,9	35,48
	Rovral	l	50,16	1,2	60,19	1,6	80,26
Espelhante adesivo	Agral	l	3,29	2	6,58	2	6,58
Arame	fio 10	kg	2,31	400	924,00	0	0,00
	fio 18	kg	2,39	200	478,00	0	0,00
Grampo de cerca		kg	1,84	9	16,56	0	0,00
Fita plástica		kg	5,42	0,5	2,71	0,5	2,71
Palanque	final de linha	unid	1,75	100	175,00	0	0,00
	meio de linha	unid	1,2	253	303,60	0	0,00
	taquaras	unid	0,40	253	101,20	0	0,00
				2756,53		579,10	
Subtotal				74,17		49,95	
Particip.percentual							
Serviços mecânicos							
Conservação de solo	microtrator + arado	hora	4,32	1,5	6,48	0	0,00
Calagem	microtrator + carreta	hora	4,35	3	13,05	0	0,00
Aração	aluguel de trator	hora	22,94	3	68,82	0	0,00
Gradagem	aluguel de trator	hora	22,94	1	22,94	0	0,00
Adubação orgânica	microtrator + carreta	hora	4,35	5	21,75	0	0,00
Adubação química	microtrator + carreta	hora	4,35	2	8,70	2	8,70
Transporte interno	microtrator + carreta	hora	4,35	36	156,60	24	104,40
Subtotal				298,34		113,10	
Particip.percentual				8,03		9,75	

(continua)

(conclusão)

ESPECIFICAÇÃO	DISCRIMINAÇÃO	UNI DA DE	PREÇO POR UNIDADE	ANO 1		ANO 2	
				QUANT.	VALOR	QUANT	VALOR
Mão-de-obra							
Transporte de material		DH	8,27	2	16,54	0	0,00
Construção da latada		DH	8,27	28	231,56	0	0,00
Calagem		DH	8,27	1	8,27	0	0,00
Plantio e replantio		DH	8,27	2	16,54	0	0,00
Tutoramento		DH	8,27	1	8,27	0	0,00
Adubação orgânica		DH	8,27	2	16,54	0	0,00
Adubação química		DH	8,27	1,5	12,41	1,5	12,41
Aplicação de herbicida		DH	8,27	1,5	12,41	1,5	12,41
Aplicação de inseticida e fungicida		DH	8,27	10	82,70	11,5	95,11
Poda		DH	8,27	4	33,08	10	82,70
Colheita e transporte interno		DH	8,27	25	206,75	30	248,10
Transporte de insumos		DH	8,27	2	16,54	2	16,54
Subtotal					661,60		467,26
Particip.percentual					17,80		40,30
Custo operacional total		R\$			3716,47		1159,45
Custo operacional por unidade		cx 13 kg			3,22		0,75
Valor da produção		R\$	5,00	1100	5500,00	1400	7000,00
Margem bruta					1783,53		5840,55
Margem bruta (%)					0,48		5,04

ANEXO IV**MARACUJÁ - QUANTIDADE COMERCIALIZADA- CEAGESP - 1992-1996**

MESES	(cx 13 kg)				
	1992	1993	1994	1995	1996
Janeiro	281.993	341.893	209.165	22.625	307.119
Fevereiro	296.010	267.925	161.106	162.320	235.693
Março	297.657	177.704	277.694	189.633	305.203
Abril	378.799	260.575	138.320	183.835	251.341
Maiο	337.413	221.246	201.047	217.911	275.661
Junho	350.329	127.957	225.449	180.488	178.071
Julho	227.797	146.680	156.859	193.175	153.465
Agosto	85.782	70.382	86.877	102.506	119.438
Setembro	42.473	32.858	34.681	46.892	62.539
Outubro	23.508	66.178	23.645	52.762	87.033
Novembro	49.664	69.237	47.731	117.481	117.131
Dezembro	161.191	165.628	127.047	223.747	213.785
Total	2.532.616	1.948.263	1.689.621	1.893.375	2.306.479

FONTE: Ceagesp.

ANEXO V**MARACUJÁ - QUANTIDADE COMERCIALIZADA POR PROCEDÊNCIA - CEAGESP - 1996**

(kg)

MESES	SÃO PAULO	BAHIA	PARÁ	PARANÁ	SANTA CATARINA	ESPÍRITO SANTO	MINAS GERAIS	OUTROS ESTADOS	TOTAL
Janeiro	3.689.113	89.832	0	191.642	1.198	4.791	8.384	7.586	3.992.547
Fevereiro	2.724.210	154.426	0	148.604	306	0	0	36.462	3.064.009
Março	3.664.115	39.280	0	199.969	4.364	0	18.648	41.263	3.967.639
Abril	2.926.966	26.466	0	193.105	99.983	0	0	20.912	3.267.433
Maiο	3.348.151	18.276	0	164.487	42.286	0	0	10.392	3.583.593
Junho	2.087.598	40.048	0	100.931	38.891	0	12.964	34.492	2.314.923
Julho	1.702.571	80.600	10.374	99.553	35.312	56.460		10.175	1.995.045
Agosto	1.224.143	105.893	52.015	62.107	70.492	21.737		16.307	1.552.694
Setembro	359.186	252.845	108.536	13.089	45.854	22.927	0	10.569	813.007
Outubro	189.514	691.643	228.096	0	0	0	0	22.176	1.131.429
Novembro	779.776	583.499	71.567			63.953		23.908	1.522.703
Dezembro	2.070.786	577.241	0	76.150	834	0	31.127	23.067	2.779.205
Total	24.766.129	2.660.049	470.588	1.249.637	339.520	169.868	71.123	257.309	29.984.223

FONTE: Ceagesp.

ANEXO VI**MARACUJÁ - PREÇOS MENSAIS - CEAGESP - 1994-1997**

MESES	1994	1995	1996	1997
Janeiro	1,04	1,05	0,48	0,40
Fevereiro	1,62	1,07	0,61	0,54
Março	0,78	1,24	0,44	0,92
Abril	1,09	0,93	0,53	0,44
Mai	0,91	0,61	0,32	0,56
Junho	0,58	0,66	0,33	0,40
Julho	0,72	0,58	0,47	0,53
Agosto	1,85	1,06	0,64	1,06
Setembro	3,41	1,64	0,99	1,28
Outubro	4,98	1,83	1,13	0,95
Novembro	2,41	1,11	0,80	1,34
Dezembro	1,41	0,78	0,62	0,66

FONTE : Ceagesp.

NOTA: Preços de dezembro de 1997.

ANEXO VII**MARACUJÁ - QUANTIDADE COMERCIALIZADA POR PROCEDÊNCIA - CEASA/RJ - 1996**

(kg)

MESES	PARÁ	PIAÚÍ	CEARÁ	PERNAM-BUCO	BAHIA	MINAS GERAIS	ESPÍRITO SANTO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	PARANÁ	SANTA CATARINA	TOTAL
Janeiro					110.848	13.632	94.416	812.776	548.128	7.216		1.596.016
Fevereiro					90.256	18.432	171.280	886.272	498.208			1.664.448
Março	12.000				133.488	26.416	76.640	539.904	931.248	4.240	10.496	1.734.432
Abril					107.968	29.328	3.936	284.336	590.944	70.336	662.624	1.749.472
Maiο					9.104	24.592	33.824	406.112	272.912	87.536	732.816	1.566.896
Junho					27.808	5.024	93.024	383.504	149.456	33.040	337.616	1.029.472
Julho					75.184	496	54.576	624.800	65.056	3.888	281.520	1.105.520
Agosto					60.176	6.640	56.160	440.016	26.032		193.216	782.240
Setembro	6.816	2.688	72.624	5.552	144.704	2.528	19.200	128.192	13.456		117.968	513.728
Outubro		11.200	36.688	4.592	502.880	7.808	13.504	84.240	10.160			671.072
Novembro					458.880	20.000	69.088	485.888	13.056			1.046.912
Dezembro					381.008	20.448	114.384	649.424	58.032	24.880		1.248.176
Total	18.816	13.888	109.312	10.144	2.102.304	175.344	800.032	5.734.464	3.176.688	231.136	2.336.256	14.708.384

FONTE: Ceasa/RJ.

ANEXO VIII**MARACUJÁ - QUANTIDADE COMERCIALIZADA POR PROCEDÊNCIA - CEASA/RJ - 1997**

MESES	PARÁ	RIO G. DO NORTE	CEARÁ	PER NAM-BUCO	BAHIA	MINAS GERAIS	ESPÍRITO SANTO	RIO DE JANEIRO	SÃO PAULO	PARANÁ	RIO GRANDE DO SUL	SANTA CATARINA	TOTAL
Janeiro					403.104	25.680	40.960	734.208	230.544	42.784	7.040	120.336	1.604.656
Fevereiro					350.160	4.064	42.880	285.456	82.080	480		225.472	990.592
Março	20.992			7.552	132.160	7.904	171.232	540.544	45.552			344.976	1.270.912
Abril					214.928	16.528	211.024	404.672	167.088	2.304		481.888	1.498.432
Maiο					188.032	5.280	148.176	578.000	10.288	6.560		509.792	1.446.128
Junho					11.200	8.656	103.984	460.192	32.368	6.160		539.744	1.162.304
Julho					1.600	13.120	110.688	498.768	40.096	5.040		358.464	1.027.776
Agosto			8.800			1.280	100.624	327.648	13.696	20.320		185.520	657.888
Setembro	28.592		51.984		165.632		50.080	133.376	7.600	4.800		16.320	458.384
Outubro	9.744				310.736	7.216	108.848	132.240	11.936				580.720
Novembro		11.632			307.728		135.200	351.424	4.704	800			811.488
Dezembro					317.200	24.752	263.104	432.224	6.576	2.160			1.046.016
Total	59.328	11.632	60.784	7.552	2.402.480	114.480	1.486.800	4.878.752	652.528	91.408	7.040	2.782.512	12.555.296

FONTE: Ceasa/RJ.

ANEXO IX**MARACUJÁ - QUANTIDADE COMERCIALIZADA E PPROCEDÊNCIA - CEASA/SC - 1994 - 1996**

(kg)

MESES	1994					1995				
	Santa Catarina	Paraná	São Paulo	Bahia	Rio G. do Sul	Santa Catarina	Paraná	São Paulo	Bahia	Rio G. do Sul
Janeiro	8.565	2.910	21.675			7.785	5.700	20.580		
Fevereiro	29.075	9.570	3.750			6.225	3.900	11.175		
Março	14.275	35.070	14.115		750	12.330	7.500	14.700		450
Abril	4.425	20.070	3.075			23.190	4.560	3.330		
Maio	5.580	11.805	2.625			10.405	2.145	3.750		
Junho	11.755	21.690	4.425			15.675	4.770	12.420		
Julho	10.080	9.450	4.425			13.680	4.050	13.020		
Agosto	2.415		4.530			21.890	2.400	5.415		
Setembro	225	225	5.025			1.080	300	9.030		
Outubro			1.590			3.450		10.725		
Novembro			7.575	4.500	225			7.350	13.380	
Dezembro		1.650	29.730			675	3.900	14.895		54.755
Total	86.395	112.440	102.540	4.500	975	116.385	39.225	126.390	13.380	55.205

(continua)

(conclusão)

(kg)

MESES	1996					1997				
	Santa Catarina	Paraná	São Paulo	Bahia	Rio G. do Sul	Santa Catarina	Paraná	São Paulo	Bahia	Rio G. do Sul
Janeiro	9.135	28.725	40.965	40.000		16.305	13.530	12.375		1.050
Fevereiro	48.515	36.270	11.100			53.545	9.750	3.690		
Março	26.010	28.800	7.335			91.440	150	150		
Abril	79.790	10.500	30			117.465	6.435	5.025	1.300	
Maio	54.585	6.300	5.400			77.130	2.775			
Junho	40.950	1.500	1.050			51.030		2.550		
Julho	20.645		330		3.900	37.635		750		
Agosto	10.195	3.225	2.970			19.935		75		
Setembro	3.270		3.975		1.170	7.680		840		
Outubro	495		14.100			2.550		5.910		
Novembro	600		16.575			1.425		2.265		
Dezembro		600	16.200	18.330		450	450	11.865		
Total	294.190	115.920	120.030	58.330	5.070	476.590	33.090	45.495	1.300	1.050

FONTE: Ceasa/SC (S José).

ANEXO X**MARACUJÁ - PREÇOS MENSAIS REGISTRADOS NA CEASA/SC (S. José) - 1994-1997**

	(R\$/kg)			
MESES	1994	1995	1996	1977
Janeiro	1,59	2,18	1,11	0,78
Fevereiro	1,35	1,49	0,85	0,52
Março	1,16	2,33	0,85	0,66
Abril	1,25	1,20	0,49	0,52
Maiο	1,20	1,06	0,49	0,53
Junho	0,72	1,21	0,42	0,51
Julho	0,93	1,22	0,52	0,47
Agosto	2,45	1,39	0,92	0,79
Setembro	4,83	2,38	1,34	0,78
Outubro	6,71	3,51	1,88	1,80
Novembro	4,58	0,24	1,52	1,80
Dezembro	3,16	1,79	1,47	1,49

FONTE: Ceasa/SC (S. José).

NOTA: Preços de dezembro de 1997.

LITERATURA CONSULTADA

1. BAHIA. Secretaria da Agricultura e Reforma Agrária. Coordenação de Economia Rural. Frutas: o caminho de um grande mercado. Salvador, 1996. 156 p. (Série Alternativas de Investimentos, 3).
2. MARACUJÁ: polinização cruzada a dedo. Agrianual 96, São Paulo: FNP, p.285-291, 1996.
3. MIRANDA, M.C.; BEMELMANS, P.F. Sistema de cultivo e custo de produção de maracujá. Agropecuária em São Paulo. São Paulo: IEA, v.42, n.1, p.113-132, 1995.
4. PAIVA, R. Maracujá; de flor em flor. Globo Rural, São Paulo, v.11,n.128, p.27-30, 1996.
5. PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL - SANTA CATARINA - 1994: Rio de Janeiro: IBGE, s.d.
6. RUGGIERO, C. et al. Maracujá para exportação: aspectos técnicos da produção. Brasília: Embrapa, 1996. 64p. (Publicações Técnicas Frupep, 19).
7. TAGLIARI, P.S. Maracujá: novidade do norte que faz sucesso no sul. Agropecuária catarinense, Florianópolis: Epagri, v.8, n.4, p.28-34, dez. 1995.

LISTA DE GRÁFICOS

1. Maracujá – Produção Brasileira e Regional – 1988 -1994	12
2. Maracujá – Quantidade Produzida no Brasil - Região Norte e Pará – 1988-1994	14
3. Maracujá – Quantidade Produzida na Região Sul e em Santa Catarina – 1988-1994	16
4. Suco de Maracujá - Quantidade e Valor Exportados - 1985 - 1994.....	30
5. Suco de Maracujá - Quantidade Exportada Segundo o Destino – 1985-1993	30
6. Maracujá – Participação na Comercialização - Ceagesp – 1996.....	32
7. Maracujá - `Preços Cobrados - Ceagesp - 1994 - 1997.....	33
8. Maracujá – Participação na Comercialização por Procedência - Ceasa/RJ – 1996	34
9. Maracujá – Participação na Comercialização por Procedência - Ceasa/RJ – 1997	34
10. Maracujá - Preços Cobrados - Ceasa/RJ - 1996 - 1997.....	35
11. Maracujá – Participação na Comercialização por Procedência - Ceasa/SC (S. José) – 1996.....	36
12. Maracujá – Participação na Comercialização por Procedência - Ceasa SC (S. José) – 1997.....	36
13. Maracujá – Quantidade Comercializada - Ceasa/SC (S. José) – 1994-1996.....	37
14. Maracujá - Preços Cobrados - Ceasa/SC (S. José) - 1994 - 1997	38

LISTA DE TABELAS

1. Maracujá – Produção Brasileira por Região e Estado - 1988-1994	12
2. Maracujá – Área Colhida no Brasil por Região e Estado - 1988-1994	14
3. Maracujá – Produtividade Brasileira por Região e Estado - 1988-1994	15
4. Maracujá – Produção Estadual - 1995 - 1996	19
5. Maracujá - Custo de Produção da Muda - Agosto - 1997	20
6. Maracujá - Custo de Implantação para 1 Hectare - Agosto - 1997	21
7. Custo da Latada para a Sustentação do Maracujazeiro - Agosto - 1997	21
8. Maracujá - Custo de Produção por Hectare - Agosto - 1997 (Primeiro Ano).....	22
9. Maracujá - Custo de Produção por Hectare - Agosto - 1997 (Segundo Ano).....	25
10. Maracujá - Quantidade Comercializada pelas Ceasas nas Praças de São Paulo, Rio de Janeiro e Santa Catarina - 1996	31